

Mulheres Chamadas ao Ministério

Estudo em Seis Sessões para a Igreja Metodista Unida

GUIA PARA ESTUDANTES



AUTORAS

Delia Halverson, Educadora Cristã

Rev. Kabamba Kiboko, Biblista

Dr. Lacey Warner, Historiadora

Rev. M. Lynn Scott, Moderadora/Editora

Isaura Arez, tradutor Português

PUBLICADO PELA

Comissão Geral da Situação e Papel da Mulher
na Igreja Metodista Unida

CO-PATROCINADO PELA

Junta Geral de Ensino Superior e Ministérios
Igreja Metodista Unida



Mulheres Chamadas ao Ministério



Mulheres Chamadas ao Ministério

Estudo em Seis Sessões para a Igreja Metodista Unida

GUIA PARA ESTUDANTES

Todas as leituras da Bíblia são da Edição da Sociedade Bíblica traduzida em português por João Ferreira de Almeida.



Mulheres Chamadas ao Ministério

INTRODUÇÃO

A Igreja Metodista Unida e as suas denominações anteriores celebraram em 2006 o quinquagésimo aniversário do reconhecimento oficial de plenos direitos como membros do clero concedidos às mulheres. A nossa denominação oferece-nos a oportunidade de continuar a “celebrar o nosso passado corajoso” e de “reivindicar o nosso futuro audacioso” (tema utilizado em 2006).

Este estudo em seis sessões convida as mulheres e os homens da Igreja Metodista Unida a explorar o nosso passado através do estudo da Bíblia e das histórias do nosso passado, assim como a meditar sobre as preocupações actuais e sobre a nossa chamada de hoje. Porque é que se incluem as mulheres na totalidade da vida da igreja? Porque é que a igreja ordena as mulheres? Porque é que existem desacordos e tensões nas nossas conversas? A plena participação das mulheres na igreja constitui uma dimensão da natureza e da função da igreja a partir do momento em que afirmamos quem somos e confiamos muito mais no Evangelho de Jesus Cristo quando continuamos a reconhecer o nosso corajoso passado e avançamos audaciosamente para o futuro.

Esperamos que ao reunir-vos com os vossos irmãos e as vossas irmãs com base nestes estudos bíblicos, para dialogar e para vos escutar uns aos outros, possam discernir a presença de Cristo.

Primeira Sessão: Incluídos (dentro) – Excluídos (fora)

Página 6

Alguma vez se sentiu excluída(o) ou como se estivesse “fora” de algum grupo? Quem são as pessoas que são aceites ou as integradas no grupo ou comunidade? O ministério de Jesus foi questionado por uma mulher cananeia, uma pessoa “de fora”, e a história revela uma nova maneira de compreender quem está “fora” e quem está “dentro”. (*Mateus*)

Segunda Sessão: A chamada

Página 9

Através do nosso baptismo, todos somos chamados ao ministério em nome de Jesus Cristo. O convite está sempre presente. Como respondemos? Arriscar-nos-emos a responder à chamada?

Terceira Sessão: A identidade da mulher

Página 15

A identidade da mulher é definida com demasiada frequência através de normas e funções sociais seculares que a limitam, em vez de através do conhecimento e da aceitação da identidade de cada uma como filha de Deus capaz de exercer o nosso ministério no mundo. Na nossa tradição cristã, como entendemos e interpretamos a história de Adão e Eva?

Quarta Sessão: Estudo <—> Fidelidade / Conhecimento

Página 24

Haverá momentos em que o trabalho mais árduo consiste em analisar a fundo a vossa fé e os vossos compromissos, a fim de viver mais intencionalmente a chamada de Deus na vossa vida?

Quinta Sessão: Divisão - Plenitude

Página 33

A Igreja Metodista Unida reivindica a plena participação das mulheres em todos os aspectos da vida da igreja, incluindo a ordenação, em conformidade com a nossa compreensão bíblica e histórica. Não obstante, neste mesmo texto bíblico, existem tensões. Será que poderemos encontrar a plenitude nos textos bíblicos, no que se refere ao papel e à identidade da mulher?

Mulheres Chamadas ao Ministério

Sexta Sessão: Seguindo em frente...

Página 41

Como crêem poder viver em toda a fidelidade a chamada de Jesus Cristo na vossa própria vida? Como mulher, como sente e reivindica a sua plena participação no Reino de Deus? Como homem, como pode continuar a viver em toda a fidelidade esta chamada abrindo o caminho para que as mulheres possam ter acesso a posições de liderança?

Primeiro Apêndice: Panorama cronológico

As datas e os acontecimentos mais pertinentes do ministério e da liderança das mulheres metodistas desde meados dos anos de 1700 até ao presente.

Segundo Apêndice: Hiperligações para websites

Quatro agências e comissões gerais da Igreja Metodista Unida que oferecem recursos em relação ao ministério e à liderança das mulheres.

Terceiro Apêndice: A Conferência Geral de 1956 – “Dramatização para os Leitores”

Em 1956, a Conferência Geral da Igreja Metodista tomou a decisão histórica de conceder às mulheres plenos direitos como membros do clero. Esta dramatização conta-nos esse evento.

Quarto Apêndice: Bibliografia

Breve bibliografia anotada sobre mulheres chamadas ao ministério.

Mulheres Chamadas ao Ministério

AS AUTORAS

Delia Halverson

Com mais de 50 anos de experiência de liderança em igrejas de todos os tamanhos, Delia Halverson concentra-se na importância de membros do laicado em funções de liderança. Formada como educadora cristã, Delia trabalha tanto como consultora para sessões de formação de líderes, tanto a nível local e internacional como ao nível da conferência e além disso organiza estes eventos. Também escreveu programas de estudos para todas as idades e mais de 20 obras sobre a liderança no seio da igreja e o desenvolvimento espiritual. Para obter mais informações sobre Delia Halverson, consultar www.deliah Alverson.com

Kabamba Kiboko

Kabamba Kiboko (Jeanne) nasceu na República Democrática do Congo, na África Central. Foi a primeira mulher pastora na Conferência Anual do Sul do Congo. Recebeu as ordens de diaconisa em 1982 e foi consagrada como presbítera com plenos direitos em 1983. Actualmente é pastora principal da Igreja Metodista Unida de Belém, na cidade de Hempstead, no estado do Texas, e está a terminar o seu doutoramento em Bíblia Hebraica (Antigo Testamento) na Faculdade de Teologia da Universidade de Denver.

Lynn Scott

Presbítera ordenada da Igreja Metodista Unida pertencente à Conferência de Wisconsin, Lynn tem servido em congregações locais, tem trabalhado numa agência geral da igreja, a Junta Geral de Ensino Superior e Ministério e tem exercido as funções de superintendente de distrito. Actualmente, é directora de Sabbath Way, LLC, um ministério que convida as congregações e as pessoas a “cuidar de tudo o que é sagrado”, nas suas vidas quotidianas. Facilita a liderança espiritual, retiros e sessões de formação e também trabalha como consultora em toda a denominação.

Lacey Warner

Presbítera ordenada da Conferência do Texas da Igreja Metodista Unida, Lacey participa no ministério como decana associada para a Formação Académica e é professora assistente de Prática de Evangelização e Estudos Metodistas da Faculdade de Teologia da Universidade de Duke, em Durham, na Carolina do Norte. A sua obra mais recente, *Saving Women: Retrieving Evangelistic Theology and Practice* [*Salvar Mulheres: Recuperando a Teologia e a Prática do Evangelismo*] (Baylor University Press, 2007), incorpora o seu interesse nas mulheres protestantes do século XIX até à primeira parte do século XX.

Mulheres Chamadas ao Ministério

Primeira Sessão

INCLUÍDOS (DENTRO) – EXCLUÍDOS (FORA)

TEMA

Quem somos nós, como povo de Deus em relação à religião e ao cristianismo? A história da mulher cananeia (no Evangelho de Mateus) ultrapassa as fronteiras sociais entre as pessoas “incluídas ou dentro” e as “excluídos ou fora” e reconhece que Deus aceita e inclui todas as pessoas por igual.

CONVITE

Já alguma vez se sentiu como uma pessoa excluída, isto é, como se estivesse “fora” de algum grupo ou comunidade específica? Quem são as pessoas que são aceites ou as “privilegiadas” e integradas no grupo ou na comunidade? O ministério de Jesus foi questionado por uma mulher cananeia, uma pessoa “de fora”, e a história revela uma nova maneira de compreender quem está “fora” e quem está “dentro”.

LEITURA DA BÍBLIA

Mateus 15, 21-28

ESTUDO DA BÍBLIA

(As palavras em itálico são termos gregos. Para obter clarificação sobre esses termos, queira consultar o glossário, que se encontra no fim da sessão).

A mulher cananeia, uma forasteira, alguém “de fora” desta comunidade, desafia as barreiras religiosas do seu tempo. A sua história, situada a meio do Evangelho de Mateus (Mateus 15, 21-28), confronta o conceito de separação entre as pessoas excluídas (de fora) e as incluídas (de dentro) que caracteriza o dito Evangelho. O seu encontro com Jesus abre a porta à transformação destas barreiras. A forma como esta mulher actua convida-nos a estudar mais a fundo esta narrativa.

A importância desta narrativa reside nas acções da mulher cananeia quando esta se encontra com Jesus. A mulher clama dizendo: “Senhor, Filho de David, tem misericórdia de mim!”. A este grito segue-se a explicação do seu problema. A mulher diz: “a minha filha está miseravelmente endemoninhada” (v. 22). A mulher precisa que Jesus intervenha para libertar a sua filha do demónio. Infelizmente para ela, Jesus não lhe respondeu palavra. Ignora-a simplesmente porque ela é uma mulher cananeia. Os seus discípulos intervêm e pedem-lhe que a despeça porque ela continua a segui-los gritando. Os discípulos querem que ela volte para donde veio, isto é, que se confine novamente a essa região depreciada, no seio das barreiras sociais que ela acaba de cruzar. É óbvio que se trata de uma “intrusa”, de uma estranha, de alguém “de fora” da comunidade, que faz parte dessa multidão anónima, que hoje se caracterizaria como “os outros”. As palavras de Jesus reforçam este sentimento da sua “exterioridade”, de que é uma estranha, no momento em que rompe o seu silêncio para lhe responder com as seguintes palavras: “Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (v. 24).

O provérbio de Jesus (v. 24) e a atitude dos discípulos não impedem que a mulher actue como o fez. A sua resposta ao provérbio de Jesus é excepcional. A mulher compromete a totalidade do seu ser ao exprimir os seus sentimentos através de dois verbos de acção. Primeiro, em silêncio, usa a linguagem do corpo como

Mulheres Chamadas ao Ministério

se estivesse a fazer um movimento litúrgico: “Então chegou ela, e adorou-o...”. No entanto, o seu silêncio é diferente do silêncio de Jesus. É um silêncio activo expresso e acompanhado por um movimento litúrgico. A seguir, a mulher acrescenta as suas palavras de súplica ao seu movimento: “Senhor, socorre-me!” (v. 25)

A sua terna e discreta tenacidade não encoraja Jesus a suavizar a resposta que lhe dá. Na verdade, Jesus persiste na sua atitude negativa quando responde à mulher dizendo: “Não é bom pegar no pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos” (vocábulo grego, *kunariois*, alude a “cachorrinhos”, mas também a “cães”)¹ (v. 26). A resposta da mulher cananea exprime a sua determinação: “Sim Senhor, mas também os cachorrinhos comem migalhas que caem da mesa dos seus senhores” (v. 27). Se bem que a mulher Cananea aceite o provérbio degradante de Jesus, ela usa-o para questionar o conceito dos “incluídos – excluídos” e convida Jesus a reconhecer a possibilidade de compreender esta relação de uma maneira diferente e mais ampla. Finalmente, a tenacidade desta mulher comoveu Jesus. Assombrado pela fé dela, diz-lhe: “Ó mulher! Grande é a tua fé: seja isso feito para contigo, como tu desejas” (v. 28). E, a partir daquele mesmo momento, a sua filha foi curada.

A mulher cananea ajudou Jesus a ir além das barreiras ou limites sociais e a ser mais inclusivo. Quando Jesus reconheceu a fé desta mulher, estava a afastar-se de uma importante tradição judia, dado que os judeus não aceitavam os cananeus e as mulheres não tinham o mesmo valor e estatuto dos homens. O conceito dos “incluídos – excluídos” foi confrontado e revertido com a mesma discricção que a mulher tinha utilizado. A mulher cananea contribui para que o ministério de Jesus transcenda uma região limitada para converter-se em algo de inclusivo e abrangente.

Esta narrativa comporta duas mensagens, ambas ensinadas pela mulher cananea. Em primeiro lugar, ela usa a sua coragem, a urgência da sua necessidade e a sua sagacidade para transformar as barreiras da raça e do género numa verdadeira inclusividade. Como cananea, rejeitada pelos judeus, e como mulher numa sociedade patriarcal, ela leva o ministério de Jesus à uma população mas ampla. Em segundo lugar, a mulher cananea ensina-nos o conceito da universalidade da graça de Deus. Mais concretamente, que o amor incondicional de Deus está ao alcance de todas as pessoas, sem excepções. No fim do Evangelho de Mateus, Jesus adopta a perspectiva desta mulher quanto à relação entre as pessoas que pertencem à comunidade e aquelas que não pertencem quando diz: “É-me dado todo o poder, no céu e na terra. Portanto, ide, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mateus 28, 18-19).

REFLEXÕES SOBRE A SAGRADA ESCRITURA

Que se teria passado se a mulher cananea tivesse aceitado o seu lugar, isto é, a sua identidade como cachorrinho debaixo ou à volta da mesa, abanando a cauda como fazem os cães, sem poder sentar-se juntamente com os outros convivas? Se fosse esta mulher cananea, que diria a Jesus neste momento da conversa? Já lhe aconteceu uma situação semelhante, em que se tenha sentido como “de fora”, da nossa sociedade de hoje? Quanto a si, quem são as pessoas que são excluídas, isto é os “intrusos” ou os “estranhos” na nossa sociedade de hoje?

(Se tiver tempo e se lhe interessar um estudo mais aprofundado da Bíblia, continue a ler o que se segue).

ESTUDO ADICIONAL DA BÍBLIA

A importância desta narrativa reside nas acções de Jesus e nas acções da mulher cananea. O primeiro verbo da narrativa é um verbo grego que descreve um movimento, *ejerkomai*, que significa “partir de” ou “vir de”. Este verbo evidencia a acção de Jesus, ou seja, o movimento de Jesus de partir desse lugar para ir às regiões de Tiro e de Sídon (v. 21). Identicamente, o primeiro verbo usado em relação à acção da mulher cananea é o mesmo verbo grego que descreve outro movimento: *ejerkomai*. Nos dois casos, o verbo que descreve estes

¹ Alguns estudiosos dizem que Jesus estava a pôr a fé desta mulher à prova. Outros argumentam que os evangelistas (Mateus e Marcos) usavam esta história para convencer “os cristãos judeus que os gentios são dignos de ser membros da igreja”. Consultar Amy-Jill Levine, “Canaanite Woman” em *Women in Scripture* (Ed. Carol Meyers, Toni Craven and Ross S. Kraemer, Grand Rapids, Michigan, William B. Eerdmans, 2000), p. 413.

Mulheres Chamadas ao Ministério

movimentos está na voz activa com menção a um certo local: Jesus *partiu desse local* e a mulher *vinha dessa região*. Onde irá terminar este movimento ou esta deslocação? Será que Jesus e a mulher se vão encontrar em algum lugar? O que acontecerá quando se encontrarem?

Finalmente, encontraram-se. Como já vimos no estudo da Bíblia, os discípulos intervieram. A primeira acção destes é expressa por um outro verbo grego que descreve movimento: *proserkomai*, que pode traduzir-se por “acercar-se”. Os discípulos não têm que *vir de* nenhum sítio; limitam-se simplesmente a acercar-se de Jesus. O narrador não nos diz quando os discípulos *partiram do sítio* onde se encontravam. A segunda acção dos discípulos é pedir a Jesus que mande embora a mulher porque ela vem gritando atrás deles. Os discípulos querem que Jesus a ponha no seu lugar, ou melhor, ainda, que se desembarace dela e lhe diga que regresse ao sítio donde vem, isto é, confinada no seio das barreiras sociais que acaba de cruzar. Sem a menor dúvida, esta mulher é alguém “de fora”, alguém que não pertence ao mundo dos discípulos. As palavras de Jesus reforçam esta percepção da mulher como uma estranha, quando rompe o seu silêncio para lhe responder dizendo: “Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (v. 24). A mulher não pertence à casa de Israel nem tem nada a ver com os discípulos.

A mulher, a intrusa, persevera. Insiste em chegar a Jesus de diferentes maneiras: aproximando-se dele e adorando-o dizendo: “Senhor, socorre-me!” (v. 25). Jesus não suaviza a sua resposta: “Não é bom pegar no pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos” (v. 26). A resposta que a mulher cananea dá a Jesus exprime a determinação dela: “Sim, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus senhores” (v. 27). Ela questiona a forma como Jesus entende esta relação, dado que Jesus o faz a partir de uma perspectiva de privilegiado, como alguém “de dentro” da comunidade. É por isso que a mulher usa o pronome possessivo “seus”. Os cachorrinhos comem as migalhas que caem da mesa dos “seus” senhores. A mulher argumenta que entre os senhores e os cachorrinhos existe algum tipo de relação, mesmo que seja uma relação de subordinação. Não podem existir senhores sem aqueles que são subjugados. A resistência discreta e persistente desta mulher espanta Jesus. Assombrado pela sua fé, diz-lhe: “Ó mulher! Grande é a tua fé: seja isso feito para contigo, como tu desejas” (v. 28). A seguir, o texto diz-nos que, desde aquela hora, a sua filha foi curada.

GLOSSÁRIO

<i>ejerkomai</i>	Termo grego: “partir de” ou “vir de”; usa-se na história da mulher cananea em Mateus 15, 21)
<i>kunariois</i>	Termo grego: “cachorrinhos”; usa-se na história da mulher cananea em Mateus 15, 26)
<i>proserkomai</i>	Termo grego: “acercar-se”; usa-se em referência aos discípulos de Jesus na história da mulher cananea, mais precisamente em Mateus 15, 12

Mulheres Chamadas ao Ministério

Segunda Sessão

A CHAMADA

TEMA

Todos os cristãos batizados, tanto homens como mulheres, são chamados ao ministério. Não se fazem exceções.

CONVITE

Através do nosso batismo, todos somos chamados ao ministério em nome de Jesus Cristo. O convite está sempre presente. Como é que respondemos? Será que nos arriscaremos para responder à chamada, mesmo sem o apoio da comunidade? De que maneira é que a história da mulher samaritana no Evangelho de João nos convida a ouvir a chamada de Cristo na nossa vida e nos dá ânimo para responder “sim” com as nossas vidas?

LEITURA DA BÍBLIA

João 4, 1-42; Actos 2, 42-47

ESTUDO DA BÍBLIA²

Todas as pessoas são chamadas ao ministério. Um exemplo evidente é o da mulher samaritana que se arriscou a responder à chamada, mesmo sem o apoio da sua comunidade. Através de uma conversa transformadora, esta mulher e Jesus desafiaram as fronteiras do racismo, do tribalismo (*a identidade cultural ou étnica que nos diferencia e nos separa como membros de um grupo dos membros de outro grupo*), e a discriminação relacionada com o género.

A história começa com a chegada de Jesus a Sicar, uma cidade da Samaria, onde Jesus se senta junto a uma fonte à hora do meio-dia (João 4, 1-6). Uma mulher samaritana veio tirar água e começam a conversar entre si (João 4, 7-15).

Como mulher sanga³ da República Democrática do Congo, gostaria de fazer a seguinte pergunta: Que problema teria esta mulher para ir à fonte ou ao poço ao meio-dia? Isto porque na minha aldeia, tal como na maior parte das aldeias do Congo, as mulheres não vão ao poço ao meio-dia. Todas as mulheres vão buscar água ao poço, de manhã bem cedo, ao ouvir o primeiro cantar do galo, por várias razões.

Em primeiro lugar, de manhã bem cedo o poço está cheio. Por isso, é mais fácil tirar água do poço pois não é preciso dobrar-se muito para chegar à água nem de ter de fazer muito esforço para tirá-la. Em segundo lugar, quanto mais cedo se vai ao poço melhores possibilidades se tem de tirar água limpa e pura. Até se pode dizer a que hora da manhã é que se passou pelo poço só ao olhar para a limpidez da água que se oferecer a alguém para beber. Finalmente, o mais importante para ir ao poço bem cedo, é que de manhã, as mulheres têm oportunidade para conversar com as suas amigas ou vizinhas enquanto vão a caminho do poço.

Como tal, tendo em conta este fundo cultural, uma mulher sanga interrogar-se-ia com razão de ser, “Por que razão é que uma mulher se dirigiria ao poço ao meio-dia e porque é que um homem se encontraria junto ao poço a essa hora?” Jesus e a mulher samaritana começam a conversar (v. 7-15). Primeiro, Jesus pede à mulher

2 O texto do estudo da Bíblia foi escrito pela Reverenda Kabamba Kiboko e faz alusão à sua vida como mulher africana na República Democrática do Congo.

3 Sanga é um grupo étnico do sul do Congo, na África Central.

Mulheres Chamadas ao Ministério

que lhe dê de beber e ela responde-lhe: “Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?” A sua reacção demonstra não só o antagonismo que sabemos que existia naquela época entre os judeus e os samaritanos, mas revela também a tensão entre homens e mulheres. Esta mulher sabia que, ao iniciar o diálogo com ela, Jesus já violou tanto as normas sociais relativas ao género (relação entre homens e mulheres) como as barreiras religiosas e étnicas, entre samaritanos e judeus, que existiam naquela época e naquele lugar.⁴

Jesus continua a conversa, respondendo: “Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é o que te diz: ‘Dá-me de beber’, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva” (v. 10). Mas a mulher pergunta a Jesus como é que ele poderia tirar água do poço, dado que não tinha nada para poder fazê-lo e o poço é fundo.

A mulher samaritana continua a perguntar a Jesus, talvez — podemos imaginar — com um tom desafiante se ele é “maior do que o nosso pai Jacob, que nos deu o poço, bebendo ele próprio dele, e os seus filhos e o seu gado?” (v. 12) Jesus, estabeleceu, mais uma vez, a diferença entre a água que ele dá e a água proveniente do poço de Jacob. “Qualquer que beber desta água tornará a ter sede”, diz ele, mas a água viva que ele oferece vai ser como “água que salte para a vida eterna” (v. 14). A primeira parte da história termina com o seguinte pedido da mulher: “Senhor, dá-me dessa água, para que não mais tenha sede, e não venha aqui tirá-la”. A mulher aceita a verdade de que Jesus fala.

Jesus continua a identificar esta mulher, e para isso pede-lhe que vá chamar o seu marido e volte com ele. A mulher responde-lhe dizendo que não tem marido. Jesus dá-lhe a entender que sabe que ela não tem marido; e, com efeito, menciona que já teve cinco maridos e que agora vive com um homem que não é seu marido (v. 18). Agora, podemos compreender (sob a perspectiva sanga) a razão pela qual esta mulher fora ao poço a meio do dia; a sua condição social inferior, por não ser casada, isso levava-a a afastar-se da vida da comunidade. Não pode participar nas interacções sociais de que gozam as outras mulheres quando caminham juntas para ir ao poço tirar água de manhã bem cedo. Na sua aldeia a mulher samaritana é marginalizada e, por conseguinte, vai tirar água ao poço sozinha, quando a água é de pior qualidade.

É provável que depois desta conversa, a mulher samaritana se tenha convencido de que Jesus é profeta, segundo ela própria o diz. Se assim não fosse, como é que poderia saber o que sabe acerca dela? Também deve ser profeta porque não há nada em Jesus que a faça pensar nos seis homens com quem ela tem estado e conhecido até agora. Este homem olha para ela com respeito e dignidade. Inclusivamente, pede-lhe que lhe dê de beber. Com certeza, que deve ser um profeta!

À medida que o diálogo se desenrola, torna-se evidente que Jesus é verdadeiramente um profeta. Apresenta à mulher uma maneira diferente de adorar o Pai, “nem neste monte, nem em Jerusalém” (v. 21), mas “em espírito e em verdade” (v. 23). A seguir, acrescenta, “Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade” (v. 24). A mulher não discorda. Mas sugere que tudo isto se clarificará quando o Messias chegar, pois ele revelará as coisas como são, uma crença que os samaritanos partilhavam com os judeus. E Jesus respondeu, “Eu o sou, eu, que falo contigo” (v. 26).

Nesta segunda parte da história, Jesus revela-se à mulher. À partir deste momento, a mulher samaritana é portadora de uma mensagem que só ela conhece. Jesus confiou-lhe uma mensagem que nem mesmo os seus discípulos conhecem nem compreendem (v. 31-38). A mulher samaritana já não sente vergonha, nem desespero nem embaraço pelo seu estilo de vida. A partir de agora goza uma vida cheia de esperança e de coragem.

Com a água viva dentro dela, a mulher samaritana responde deixando o seu cântaro e indo à cidade para dizer a toda a gente, “Vinde, vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito: Porventura, não é este o Cristo?” (v. 29). E depois, a gente saiu da cidade para vir ver Jesus (v. 30). Esta mulher que é rejeitada

4 Ronald R. Youngblood, ed., “Samaritans” [Samaritanos], em *Nelson’s New Illustrated Bible Dictionary*. (Nashville, Tenn: Nelson, 1995), pp 1119–20.

Mulheres Chamadas ao Ministério

e marginalizada na sua sociedade converte-se na primeira missionária cristã, na primeira evangelista, na primeira pregadora. Pregou para converter. Converteu homens e mulheres e levou-os para conhecerem Jesus.

Algo deve ter mudado nela durante a sua conversa com Jesus. Agora, sente-se capaz de sair e de confrontar todos esses homens e essas mulheres que a desprezavam. Pode fazê-lo anunciando as boas novas daquele “que me disse tudo quanto tenho feito”. Quando acabou de pregar, muita gente deixou a cidade para ir com ela até onde se encontrava Jesus (v. 30). Ouvem-no e pedem-lhe que ficasse e ele ficou mais dois dias (v. 40). Esta história bem poderia ter sido intitulada “Os Actos da Mulher Samaritana”, tal como temos a história que conhecemos como “Os Actos dos Apóstolos”, que se caracteriza pela pregação de Pedro. O narrador informa-nos que “muitos mais creram nele, por causa da sua palavra” (v. 41). O narrador também nos relata que as pessoas diziam à mulher, “Já não é pelo teu dito que nós cremos; porque nós mesmos o temos ouvido, e sabemos que este é, verdadeiramente, o Cristo, o Salvador do mundo” (v. 42). Aqui as pessoas admitem a veracidade do testemunho da mulher samaritana. Acabam de escutar ao próprio Jesus e agora sabem que a pregação da mulher é incontestável: Jesus é o Salvador do mundo.

A chamada da mulher samaritana ao ministério da pregação ensina-nos que a chamada começa com um encontro com Jesus. Durante este encontro, desenrola-se uma conversa. Durante esta conversa, acontece uma conversão e, por conseguinte, não se pode resistir à chamada, porque se deve partilhá-lo e convidar os outros a conhecer Jesus.

Parece que faltam algumas páginas a esta narrativa. Por alguma razão não se faz nenhuma menção ao momento em que a mulher samaritana voltou ao poço para ir buscar o seu cântaro com água. Ao fim e ao cabo, ela continuava a precisar de água para beber e cozinhar. Mesmo quando nos encontramos no meio de uma experiência espiritual transformadora, continuamos a rotina da nossa vida de todos os dias!

REFLEXÕES SOBRE A SAGRADA ESCRITURA

Imagine que é esta mulher samaritana, de pé junto ao poço de água, a conversar com Jesus. O que ouve? O que diz? Tem alguma importância que seja homem ou mulher, judeu/judia ou samaritano/a? De que maneira é que ouviu a “chamada” na sua própria vida?

Esta história da Bíblia diz-nos que, primeiro, devemos encontrar-nos com Jesus; depois, que conversamos com ele e a seguir segue-se uma conversão; e, finalmente, que sentimos o desejo de partilhá-lo com outras pessoas. Porque é que dizemos que a nossa chamada se baseia num encontro com Jesus, em vez de nas normas sociais e culturais como as de género, de raça e de etnia?

UM POUCO DE HISTÓRIA

(Ler Actos 2, 42-47 para compreender as razões de Mary Bosanquet para uma vida de serviço e comunidade).

Quem é chamado ao ministério? Todos os cristãos e todas as cristãs! Em virtude do nosso baptismo, cada um de nós é chamado(a) ao ministério — para proclamar as boas novas e viver de acordo com o exemplo de Cristo.⁵

John Wesley, o organizador do movimento metodista, edificou os seus fundamentos bíblicos para incentivar os homens e as mulheres, os jovens e os adultos, os ricos e os pobres a pôr em prática e a compreender o seu próprio baptismo a fim de servir em ministério cristão. Wesley valorizava a preparação, a formação e o facto de possuir os dons apropriados, mas nunca excluiu as pessoas que não dispunham de tais recursos. Pelo contrário, procurava recursos e insistia sobre a necessidade de exigir as mais altas expectativas possíveis para a alma, o coração e a vida.

⁵ *Hinário da Igreja Metodista Unida, “Baptismal Covenant I” [Sacramento do Baptismo I] e “Baptismal Covenant II” [Sacramento do Baptismo II], pp. 35-40 da versão original em inglês.*

Mulheres Chamadas ao Ministério

Entre as mulheres que John Wesley encorajou nos primeiros tempos do metodismo, encontrava-se uma mulher afluente que habitava nos arredores de Londres. Mary Bosanquet estava disposta a sacrificar a sua herança a troco da oportunidade para unir-se aos metodistas.

“Será que posso fazer mais pelas almas e pelos corpos daqueles que se encontram à minha volta?”⁶

Mary Bosanquet (1739-1815) tornou-se numa das personagens mais influentes do metodismo devido à sua devoção radical aos ideais de contra cultura, que na sua época eram o celibato, a simplicidade de vida e a vocação de liderança das mulheres. Bosanquet nasceu numa família anglicana abastada, em Leytonstone, em Essex, na Inglaterra. Foi criada com dois irmãos e uma irmã. Muitas vezes sentia-se constrangida, dado que o seu entusiasmo e devoção aos metodistas não eram conformes às sensibilidades anglicanas e sociais dos seus pais num meio afluente. Apesar de ter sido baptizada e confirmada na Igreja de Inglaterra, a sua experiência da santificação (*ou de maturação da sua relação com Deus*) e a procura da santidade pessoal levou-a a um ministério de evangelização. Foi assim que cultivou e formou discípulos cristãos entre os pobres e os marginalizados para criar comunidades de fé intencionais.

Bosanquet reconheceu a sua vocação cristã desde muito jovem. “Desde criança que sempre acreditei que Deus tinha em mente um trabalho para mim, através do qual seria muito abençoada se fosse fiel”.⁷ Esta vocação incluía uma chamada clara a favor da simplicidade da vida no seio de uma comunidade cristã intencional, para cuidar de crianças abandonadas, assim como dos doentes e dos pobres. “Muitas vezes, ansiei intensamente por uma conformidade exterior e interior para com a vontade de Deus, desejando muito viver como os primeiros cristãos, quando todos aqueles que eram crentes partilhavam o mesmo espírito e a mesma forma de sentir e não consideravam nenhuma das suas possessões como algo que lhes pertencesse pessoalmente”.⁸

Já adulta, Mary Bosanquet partilhava uma amizade muito rica com John Wesley; durante esta relação de amizade, muitas vezes, pedia-lhe conselhos. John Wesley apoiou vivamente todos os seus esforços pastorais que englobavam diversas funções no seio do movimento metodista, incluindo líder de classe, visitadora de doentes, exortadora e pregadora. Foi graças à sua participação nestas funções de liderança no movimento metodista e graças aos ensinamentos de Wesley que Bosanquet partilhava o Evangelho de uma forma muito diversificada.

Bosanquet partilhava o ministério com duas outras mulheres metodistas: Sarah Ryan (1724–1768) e Sarah Crosby (1729–1804). O ministério destas três mulheres foi profundo por várias razões, entre as quais:

- a sua preocupação missional para com os pobres e os marginalizados;
- a sua preocupação pela vida ordenada desta comunidade intencional, e
- a sua preocupação para oferecer às mulheres oportunidades e o ambiente necessário para o desenvolvimento das suas capacidades de liderança.

Durante a década anterior, Wesley tinha-se mostrado cauteloso em relação à pregação em público por uma mulher. A Crosby, por exemplo, oferecia uma aprovação discreta e oferecia-lhe instruções detalhadas para que ela evitasse a aparência de estar a pregar e, assim, não sujeitar o movimento metodista a uma possível e severa oposição. Com o tempo, a posição de Wesley evoluiu a ponto de permitir a pregação por uma mulher que possuísse “uma vocação extraordinária”.⁹

6 Mary Bosanquett, “A Letter to the Rev. Mr. John Wesley by a Gentlewoman” [Carta de uma Dama ao Reverendo Sr. John Wesley] (Londres, 1764), p.10. Bosanquet extraiu esta frase de uma carta que tinha escrito quando tinha dezassete anos e na qual se descrevia a si própria.

7 Mary Bosanquett, “A Letter to the Rev. Mr. John Wesley by a Gentlewoman” [Carta de uma Dama ao Reverendo Sr. John Wesley] (Londres, 1764), p.9.

8 Ibid.

9 Citado na obra de Chilcote, John Wesley and the Women Preachers of Early Methodism [John Wesley e as Mulheres Pregadoras do Início do Metodismo], p. 142.

Mulheres Chamadas ao Ministério

A abertura de Wesley parecia basear-se, pelo menos em parte, tanto no ministério de Bosanquet como na sua correspondência epistolar com ela. A correspondência entre Bosanquet e Wesley durante o verão de 1771 representa a primeira defesa séria da pregação pelas mulheres no metodismo.¹⁰ Bosanquet argumentava que se devia conceder às mulheres metodistas o direito de pregar segundo a interpretação teológica, que agora é bem conhecida, de I Timóteo 2 e de I Coríntios 14 que não proíbe necessariamente que as mulheres pregassem na igreja. Estes textos dirigem-se a práticas disciplinares específicas, dado que I Coríntios 11 onde se diz que as mulheres oram ou profetizam, apresenta uma contradição.¹¹ (*Estas passagens da Bíblia serão estudadas na Quinta Sessão*). A resposta de Wesley à carta de Bosanquet defendia tanto a chamada desta, como o movimento metodista em geral de uma forma clara e definitiva.¹² Numa carta a Bosanquet em Novembro desse mesmo ano, Wesley sublinha o ímpeto dos seus ministérios: “Que devemos fazer, senão aproveitar ao máximo todos os nossos talentos; e segundo o nosso poder, glorificar a Deus com os nossos corpos e com os nossos espíritos?”¹³

Através dos séculos, as mulheres reconhecem em Mary Bosanquet uma fonte de inspiração como o exemplo de uma mulher que desafiou as normas da sua época através da sua chamada à fidelidade cristã.

REFLEXÕES SOBRE O MOMENTO HISTÓRICO

Na nossa história do metodismo, observamos que John Wesley, o nosso fundador, chamava as mulheres ao ministério e apoiava-as em relação ao desempenho do mesmo por elas. Apesar de tudo, isto era uma aventura audaciosa no seio da cultura do seu tempo e, além disso, era uma que se apoiava na experiência. As mulheres que nos precederam preferiam afiliar-se ao movimento metodista, tanto pela sua piedade como pela sua justiça, em vez de debater sistemas de crenças e de doutrinas.

- Como é que, na nossa época e na nossa cultura, ouvimos a chamada que a mulher sente dentro de si e como é que nos podemos capacitar mutuamente para aceder a papéis de liderança?

Os primeiros metodistas consideraram os Actos dos Apóstolos (Actos 2, 42-47) como um modelo para viver em conjunto e partilhar os seus recursos. Este estilo de vida, esta maneira de viver em Cristo, incentivou-os a viver como uma comunidade intencional e a partilhar os recursos de todos os membros com a comunidade.

- Como poderá unir-se com outras pessoas em comunidade cristã (talvez na sua própria congregação) a fim de partilhar mutuamente os recursos que cada um(a) tem cultivado e experimentado através da sua chamada para servir?

GLOSSÁRIO

<i>Santificação</i>	A maturação ou o crescimento da relação com Deus.
<i>Tribalismo</i>	Identidade cultural ou étnica que nos distingue e nos separa como membros de um grupo, dos membros de outro grupo.

¹⁰ Ibid.

¹¹ Sean Gill, *Women and the Church of England* [As Mulheres e a Igreja de Inglaterra] (London: Society for Promoting Christian Knowledge, 1994), p. 61 resume o argumento de Bosanquet.

¹² Chilcote, John Wesley and the Women Preachers of Early Methodism [*John Wesley e as Mulheres Pregadoras do Início do Metodismo*], p. 143.

¹³ John Wesley, Letter to Mary Bosanquet [Carta a Mary Bosanquet] (17 de Novembro de 1773), *Letters [Cartas]*, vol. XII of *The Works of John Wesley [A Obra de John Wesley]* (Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc., 1986), p. 404.

Mulheres Chamadas ao Ministério

Terceira Sessão

A IDENTIDADE DA MULHER

TEMA

A identidade da mulher é definida com demasiada frequência através de normas e de funções sociais seculares que a limitam, em vez de através do conhecimento e da aceitação da identidade de cada uma como filha de Deus para o ministério no mundo.

CONVITE

Como é que nós, com base na tradição cristã, compreendemos e interpretamos a história de Eva e de Adão? A nossa interpretação influenciará a nossa compreensão sobre a identidade da mulher no nosso mundo de hoje.

LEITURA DA BÍBLIA

Gênesis 1, 26 – 3, 24; Êxodo 38, 8

ESTUDO DA BÍBLIA

Quando as autoras deste estudo discutiam a identidade da mulher na sociedade e na igreja, uma pastora comentou o seguinte: “Um dos homens que é membro da minha igreja, que é uma pessoa muito activa, disse-me o seguinte: ‘O meu mundo mudou e é extraordinário e maravilhoso. Como professor no distrito escolar, tenho uma directora, uma médica e agora, uma pastora!’ Isto passou-se em meados dos anos 80 e aquele homem celebrava a liderança e a identidade da mulher.

Uma outra pastora contou uma história muito mais recente de uma mulher que é membro da sua igreja. Esta mulher fez-lhe a seguinte pergunta: “Em Gênesis 3, 16 diz-se que o homem dominará a mulher. Pode explicar-me como é que consegue ser pastora?”. A pastora partilhou brevemente a interpretação e a tradução do relato da criação, assinalando também que o tradutor tem poder para escolher as palavras utilizadas para a tradução do texto hebraico para uma língua diferente (neste caso, o português). Após ter ouvido esta explicação, a mulher disse: “Nunca ninguém me tinha explicado isso. Precisamos de ajudar os homens e as mulheres a compreender a sua identidade e o seu ministério”.

O que diz a Bíblia acerca da identidade da mulher? Como cristãos, e numa cultura tão influenciada pela fé cristã, a interpretação da história de Eva (Gênesis) tem tido influência sobre a situação e o papel das mulheres na igreja e na sociedade. As passagens sobre Eva têm sido traduzidas, definindo-a e atribuindo-lhe um papel. Uma quantidade imensa de estudos aprofundados, de traduções e de interpretações tem acompanhado a história de Gênesis 1-3 e, se bem que esta sessão não possa evidenciar todo o trabalho dos eruditos, este estudo oferece interpretações que nos convidam a dialogar sobre a nossa compreensão de Eva e da identidade da mulher.

DEUS CRIOU O SER HUMANO

(As palavras em itálico são os termos hebraicos. Para obter clarificação sobre estes termos, queira consultar o glossário, que se encontra no fim desta sessão).

Mulheres Chamadas ao Ministério

A primeira narrativa da criação encontra-se em Génesis, capítulo 1, que o redactor do texto definitivo escreveu por volta do século VI e colocou no início, para servir de introdução aos primeiros cinco livros da Bíblia. As narrativas sobre “Adão e Eva” (Génesis 1, 26 - 3, 24) revelam muito acerca de Eva. Em Génesis 1, 26, lemos o seguinte: “E disse Deus: Façamos o homem [*adam*] à nossa imagem, conforme à nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra”. Este ser chamado *adam* foi criado à imagem de Deus e à semelhança de Deus. O termo hebraico *adam*, que aqui é o sujeito, também deve entender-se como um ser colectivo que abrange mais do que uma única pessoa.¹⁴ *Adam* é criado à imagem de Deus, “conforme à nossa semelhança (de Deus)”. Este termo genérico *adam* designa um ser, um tipo de ser que é diferente de todos os seres vivos do mar, do céu e da terra. Faz alusão colectivamente à humanidade, ou talvez a um ser humano individual, mas sem ter em conta se o dito ser é de género masculino ou feminino.¹⁵ Os peritos bíblicos, tais como Phyllis Trible e David J. A. Clines também defendem que *adam* é um termo sem género.¹⁶

Outros eruditos traduzem esta passagem usando o termo hebraico *adam* como um nome masculino; por conseguinte, interpretam esta passagem como se se tratasse da criação divina de um ser pertencente a um sexo específico, e neste caso, um ser do sexo masculino. Como podem ver, na tradição cristã, existe uma certa tensão e desacordo em relação à maneira como o texto hebraico é interpretado. Esta observação é muito importante porque a maneira como interpretamos este texto determinará como vivemos as nossas crenças na nossa igreja e no nosso ministério, e como nos tratamos uns aos outros. Detalhes mais precisos sobre esta interpretação seguir-se-ão após termos acabado de examinar os termos hebraicos de Génesis e a criação dos seres humanos.

DEUS CRIOU O HOMEM E A MULHER

(Consultar o glossário no fim desta sessão).

O narrador bíblico continua a descrever a actividade criadora de Deus: “E criou Deus o homem [*háadam*] à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho [*zakar*] e fêmea [*neqebah*] os criou”. (v. 27). O termo *háadam* traduz-se como um pronome pessoal masculino singular, “Ihe” (= “a ele”), uma referência evidente ao homem. Mesmo quando o termo possui género, não designa precisamente um homem ou uma mulher.¹⁷ Alguns estudiosos referem-se a esta criatura como uma substância ou um ser andrógino (isto é, que incorpora os dois sexos), que depois Deus separa em dois seres humanos, o homem e a mulher. Os dois termos, homem (*zakar*) e mulher (*neqebah*), são os primeiros termos pertencentes a um sexo específico usados na Bíblia e ambos exprimem as qualidades biológicas de um homem e de uma mulher, respectivamente.¹⁸

Em resumo, segundo Génesis 1, 26-27, *adam* deve entender-se como um termo que inclui mais do que meramente um único ser humano. O termo colectivo *adam* foi criado à imagem de Deus. Como já mencionámos, Deus criou os seres humanos como homem e mulher e deu-lhes a responsabilidade de “dominar” sobre as criaturas que não são humanas. Tanto os homens como as mulheres, têm autoridade sobre a criação de Deus e são responsáveis pela mesma (1, 26-28). Além disso, não só partilham ambos o poder de

- 14 Da mesma maneira, os tradutores cristãos compreendem e traduzem o termo hebraico *elohim* (um termo no plural) como Deus, um Deus singular, único, não como Deuses ou deuses no plural, mas como um Deus único. Concebem Deus como uma deidade colectiva e inclusiva. Por conseguinte, interpretam e explicam a frase “...à nossa imagem, conforme à nossa semelhança...” em termos da Trindade - “Deus Pai, o Filho e o Espírito Santo” - mesmo se o texto hebraico não se presta a esta leitura. Se “Deus Pai, o Filho e o Espírito Santo” são três pessoas num só Deus, então o termo *adam* colectivo inclui mais de uma única pessoa.
- 15 Isto exprime-se maravilhosamente nas línguas sanga ou swahili, no sul do Congo. O termo *adam* traduz-se como *muntu*. ***Muntu é um termo neutro sem distinção de género que se pode referir tanto a um ser masculino como feminino. Infelizmente, esse não é o caso do hebreu***, uma língua que não é neutra a este respeito, como ocorre com muitas outras línguas africanas.
- 16 Clines, David J. A., “*adam*, The Hebrew for ‘Human, Humanity’: Response to James Barr” [“*adam*, O Termo Hebraico para ‘Humano, Humanidade’: Resposta a James Barr”], *Vetus Testamentum* 3 (2003): pp. 297-310.
- 17 Contra James Barr, que mantém que *adam* faz alusão a um indivíduo do sexo masculino e, quando usado colectivamente, faz alusão a um grupo de homens e pode incluir mulheres. Consultar a sua obra “One Man, or All Humanity?” [“Um Homem, ou Toda a Humanidade?”], citado por David Clines. *Ibid.*
- 18 Ilona N. Rashkow estaria de acordo com esta leitura. Consultar a sua obra *Upon the Dark Places: Anti-Semitism and Sexism in English Renaissance Biblical Translation* [Em Lugares Escuros: Anti-Semitismo e Sexismo na Tradução Bíblica do Renascimento em Inglês]; (Sheffield: Almond, pp. 80-96).

Mulheres Chamadas ao Ministério

Deus, mas também a vida de Deus.¹⁹ Como homens e mulheres, todos fazemos parte do *`adam* genérico ou universal.

DEUS CRIA A COMPANHEIRA — GÊNESIS 2

(Consultar o glossário no fim desta sessão).

A segunda versão da história de criação, em Génesis 2, retoma esta mesma ideia sobre a criação e a natureza dos seres humanos. Em Génesis 2, 7, lê-se: “E formou o Senhor Deus o homem [*háadam*] do pó da terra [*háadamah*], e soprou em seus narizes o fôlego da vida: e o homem foi feito alma vivente”. Mais uma vez esta criatura [*háadam*] não pertence a um sexo específico até à segunda actividade criadora de Deus, quando este cria o ser humano como homem e mulher (2:15).

Lemos em Génesis que o Senhor Deus toma o homem [*háadam*] e o põe no jardim do Éden para o lavrar e o guardar (v. 15). Depois, o Senhor Deus dá-se conta de que *háadam* necessita de companhia, “uma adjutora” (v. 18). O Senhor Deus disse: “Não é bom que o homem [*háadam*] esteja só: far-lhe-ei uma adjutora [*ezer*] que esteja como diante dele” (v. 18). A criação de Deus está incompleta sem esse *ezer*, um termo hebraico que pode traduzir-se como “um adjutor” ou “uma adjutora”.

Na Bíblia hebraica, o termo *ezer* ocorre 21 vezes. Quatro ocorrências referem-se a ajuda militar e em dezassete instâncias, Deus é a *ezer* ou o *ezer*. Em nenhuma parte da Bíblia este termo *ezer* é usado para indicar algo mais fraco ou inferior. No entanto, a escolha do termo “adjutor”, “adjutora” (ou “musaidizi” em swahili, “aide” em francês, “help” ou “helper” em inglês) pelos tradutores presume e sublinha a subordinação da mulher em vez de reflectir o espírito da passagem anterior, em Génesis 1, 26, que sugere que os dois componentes e partes integrantes do *`Adam* genérico, universal — o homem e a mulher por igual — são parceiros em pé de igualdade para governar ou dominar a criação em conjunto.

O Senhor Deus faz cair um sono pesado sobre *`adam* e este adormece. Enquanto *`adam* dorme, o Senhor Deus “tomou uma das suas costelas e cerrou a carne em seu lugar” (v. 21). Aqui, os termos hebraicos mudam. Trata-se de uma mudança significativa, indicadora da interdependência do homem e da mulher. Deus forma uma *ishshah*, ou seja, “uma mulher” (v. 22).

A reacção de *`adam* é de assombro: “Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne: esta será chamada varoa [*ishshah*], porquanto do varão [*ish*] foi tomada” (v. 23). Este belo jogo de palavras sobre *ish* não significa que a mulher seja criada como um ser subordinado e ainda menos para que seja marginalizada. Pelo contrário, aqui o homem exprime uma declaração de solidariedade e de interdependência. O homem não usa o termo genérico *`adam*, derivado do termo *`adamah*, a terra, um termo que exprime a sua proximidade ou intimidade com a terra. Em vez disso, usa termos que exprimem a sua intimidade com esta *ishshah* ou mulher, assim como a sua semelhança e aparência naturais com ela.

Nestes versículos, fala-se de relação e não de subordinação. Todavia, através de incorrecções de tradução, a mulher tem sido interpretada como um ser inferior, pecaminoso e tentador. Este tipo de tradução viola a mulher. Na realidade, o texto hebraico oferece uma compreensão de parceria e de companhia, e mesmo de unidade.

REFLEXÕES SOBRE A SAGRADA ESCRITURA

As duas histórias da criação (Génesis 2 e 3) têm sido e continuam a ser usadas como “textos de prova”²⁰ para demonstrar não só a natureza pecaminosa inerente aos seres humanos, mas também a inferioridade da mulher. A título de exemplo, têm sido usados para justificar o facto de que as mulheres não deveriam ocupar posições de liderança na igreja.

¹⁹ Nowell, p. 132.

²⁰ Um “texto de prova” ou “comprovar com um texto” significa usar um texto da Bíblia fora do seu contexto para demonstrar ou fazer valer um ponto de vista ou uma opinião.

Mulheres Chamadas ao Ministério

- Qual é a identidade da “fêmea” em Génesis 1, 26-27? Pensa que o estudo dos termos que acabamos de fazer presume a noção da supremacia do macho ou da inferioridade da fêmea? Explique, por favor.
- Qual é o seu próprio entendimento da imagem divina e como poderia usá-la para ajudar a transformar o seu lar, a sua comunidade e a sua igreja?
- Génesis 1, 26 usa-se frequentemente para demonstrar que homem foi criado antes da mulher. Crê que este texto apoia esta ideia?

(Se tiver tempo e se lhe interessar um estudo mais aprofundado da Bíblia, continue a ler o que se segue).

UM POUCO DE HISTÓRIA

Com demasiada frequência, a nossa identidade como mulher define-se segundo prescrições e funções sociais seculares que nos limitam, em vez de através do conhecimento e da aceitação da nossa identidade como filhas de Deus capazes de nos dedicarmos ao nosso ministério para com o mundo.

Frances E. Willard (1839–1898), uma das mulheres mais influentes do seu tempo e uma das poucas mulheres homenageadas no *Statuary Hall* do Capitólio²¹ dos Estados Unidos, foi membro activo da igreja Metodista Episcopal. A fé cristã de Willard, moldada pelo tema wesleyano da santidade, definiu as suas funções de educadora e de reformadora.

Em 1871, quando lhe ofereceram a presidência da Universidade de Evanston para Mulheres, recentemente fundada, Willard foi a primeira mulher nos Estados Unidos a conferir um diploma universitário.²² Todavia, a sua maior contribuição foi o seu trabalho com a NWCTU (National Women’s Christian Temperance Union) a União Nacional das Mulheres Cristãs contra o Alcoolismo²³. Willard foi eleita presidente desta organização em 1879, e até à sua morte duas décadas mais tarde, lutou sem cessar contra o alcoolismo e as suas consequências.

A peregrinação espiritual de Willard não foi fácil, tendo sentido muitas vezes incertezas quanto à sua própria salvação. Esta luta espiritual à procura de certezas em relação à salvação levou-a a “fazer o bem” e daí, a sua dedicação infatigável à educação e à reforma social. As viagens internacionais de Willard influenciaram o seu desejo de fazer o bem. Durante as suas viagens, testemunhou a relação estreita que existe entre os recursos económicos e as oportunidades educacionais e deu-se conta de que a falta de recursos e de oportunidades contribuem decididamente para a opressão da mulher.

Devido à sua condição de mulher, o seu trabalho de liderança no mundo académico foi impedido. Também viveu com frustração uma chamada ao ministério ordenado, que aparentemente não encontrou resposta para poder realizar-se. Tudo isto contribuiu para que Willard canalizasse a sua vocação cristã para fazer o bem através do movimento de abstinência contra o alcoolismo. No seio da União Nacional das Mulheres Cristãs contra o Alcoolismo (NWCTU), Willard dedicou-se aos ministérios de evangelização das mulheres, e incorporou certas ideias eclesíásticas com o intuito de enriquecer e de expandir os programas desta agência.

No texto da sua autoria, *Woman and the Pulpit [A Mulher e o Púlpito]*, Willard argumentou a favor da ordenação da mulher. Sugere que se a marginalização da sua época continuasse, as mulheres deveriam considerar a possibilidade de se ordenar a si mesmas, o que teria efectivamente levado a uma igreja de mulheres.

21 Nancy A. Hardesty, *Women Called to Witness: Evangelical Feminism in the Nineteenth Century* [Mulheres Chamadas ao Testemunho: Feminismo Evangélico no Século Dezanove], 1999 ed. (Knoxville: University of Tennessee Press, p. 2).

22 Ibid., 4–5. Carolyn Gifford, ed., *Writing Out My Heart: Selections from the Journal of Frances E. Willard [Escrevendo o que Sinto no Coração: Selecções do Diário de Frances E. Willard]*, 1855–96 (Urbana: University of Illinois Press, 1995), 6. Frances Willard, *Glimpses of Fifty Years: The Autobiography of an American Woman* [Vislumbres de Cinquenta Anos: A Autobiografia de uma Mulher Americana] (Chicago: Woman’s Temperance Publication Association, 1889), pp. 198–225. Para um estudo sobre a vocação de Willard para o ministério, assim como a sua liderança na organização da NWCTU, e o seu apoio ao ministério de evangelização da mulher, consultar a obra de Lacey Warner, *Saving Women: Retrieving Evangelistic Theology and Practice* [Salvar Mulheres: Recuperando a Teologia e a Prática do Evangelismo] (Waco: Baylor University Press, 2007).

23 Declaração de Missão da União Nacional das Mulheres Cristãs contra o Alcoolismo: O Objectivo desta organização é sensibilizar todos os povos, com a ajuda de Deus, para optar pela abstinência total do consumo de álcool, de drogas ilícitas e do tabaco, como modo de vida.

Mulheres Chamadas ao Ministério

A proposta de Willard, que alguns temiam e outros desejavam não se materializou, nem provocou um êxodo maciço de mulheres pertencentes às denominações protestantes e evangélicas mais importantes da sua época.

No entanto, a União Nacional das Mulheres Cristãs contra o Alcoolismo (NWCTU), proporcionou oportunidades de formação e de prática a muitas mulheres que se sentiam chamadas à pregação e a outras funções ministeriais e pastorais. Através desta organização, Willard promoveu a reivindicação da missão da igreja para a formação das mulheres em funções de liderança, o que contribuiu para o reconhecimento das funções ministeriais e pastorais da mulher.

REFLEXÕES SOBRE O MOMENTO HISTÓRICO

Historicamente, o movimento metodista concedeu às mulheres oportunidades para capacitar a sua chamada, obter mentorização e assumir funções de liderança. Algumas destas oportunidades incluíram organizações anteriores e actuais das Mulheres Metodistas Unidas e do movimento de diaconisas. Um grande número de mulheres descobriu os seus dons únicos para a liderança fora da igreja, se bem que no seio da sociedade. (No caso de Frances Willard, foi graças ao seu ministério com a União Nacional das Mulheres Cristãs contra o Alcoolismo (NWCTU).

- Se é uma mulher membro da igreja, de que forma é que tem sido incentivada a reforçar as suas capacidades de liderança, a reivindicar a sua identidade como filha de Deus, em vez de se sentir limitada devido a prescrições e papéis sociais seculares confinantes?
- Se é um homem membro da igreja, de que forma é que tem experimentado a identidade da mulher como filha bem-amada de Deus, em vez da identidade prescrita por papéis sociais? O que é que tem feito para afirmar e promover uma relação de colaboração igual e solidária entre os homens e as mulheres na sua chamada comum para servir a Jesus Cristo?

OBSERVAÇÃO

Solicita-se aos estudantes que guardem esta lição para consulta das referências bíblicas do Antigo Testamento quando lerem e estudarem a Quinta Sessão.

ESTUDO ADICIONAL DA BÍBLIA

Duas maneiras de interpretar a realidade

Existem duas maneiras de interpretar a realidade, quer sob uma perspectiva androcêntrica ou ginocêntrica.

- A interpretação androcêntrica mantém que `adam é um ser masculino e afirma a superioridade do homem sobre a mulher.
- A interpretação ginocêntrica mantém que `adam não tem género específico e que se trata de uma “substância andrógina”.²⁴ Esta interpretação preconiza uma posição igualitária (direitos iguais para todos)²⁵, se bem que, por vezes, afirma a superioridade da mulher sobre o homem.

A partir de uma perspectiva sanga²⁶, pode ver-se uma certa interconexão e interdependência na actividade criadora de Deus. (Em termos de géneros, a língua sanga é neutra). Uma ave precisa de duas asas para voar e nenhuma das suas asas é superior à outra. A estrutura de Génesis 1-2 demonstra esta interconexão e

24 Consultar Phyllis Tribble e David J. A. Clines. Phyllis Tribble também mantém que `adam “significa uma criatura sexualmente indiferenciada: nem masculina (nem feminina) nem uma combinação das duas”. Ler o seu artigo “Not a Jot, Not a Title: Genesis 2-3 after Twenty Years”, em “Eve and Adam: Jewish, Christian and Muslim Readings on Genesis and Gender” (ed. Kristen E. Kvan, Linda Scheering and Valerie H. Zeigler; Bloomington: Indiana University, 1999), p. 439. David J. A. Clines, um erudito bíblico também mantém que `adam não é sexuado. Ler o seu artigo, “`adam, The Hebrew for ‘Human, Humanity’: Response to James Barr”, *Vetus Testamentum* 3 (2003): p. 298.

25 Phyllis Tribble examina a estrutura de Génesis 2 e chega à conclusão seguinte: “Na literatura hebraica, as preocupações centrais de uma unidade [textual] aparecem muitas vezes no princípio e no fim como um mecanismo de inclusão. Génesis 2 confirma esta estrutura. A criação do homem, primeiro, e da mulher, no fim, constitui uma composição em forma de anel ou de círculo no qual as duas primeiras criaturas são paralelas”. Ler a sua obra: “Eve and Adam: Genesis 2-3 Reread” em *Womanspirit Rising: A Feminist Reader in Religion* (ed. Judith Plaskow and Carol P. Christ; San Francisco: Harper and Row, 1979), p. 75.

26 Sanga é um grupo étnico do Sul do Congo na África Central.

Mulheres Chamadas ao Ministério

interdependência. No entanto, continua a existir um mistério que nem sequer o narrador pode descrever, ou seja, qual é a relação entre os três — *`adam*, *zakar* e *neqebah* (1, 27) ou *`adam*, *`ishshah* e *`ish* (3, 23)?

A queda

Enquanto caminhavam pelo jardim de manhã ou de tarde, o homem e a mulher encontraram uma serpente que perguntou à mulher se Deus lhes tinha dado autorização para comer frutos de todas as árvores do jardim (3, 1). A mulher confronta resolutamente a serpente, que deturpou a mensagem de Deus ao insinuar sob a forma de uma pergunta, que Deus os proibiu de comer frutos de todas as árvores do jardim (v. 1). A mulher responde-lhe: “Do fruto das árvores do jardim comeremos (v. 2). Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: ‘Não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais’” (v. 3). A serpente respondeu à mulher: “Certamente, não morrereis! (v. 4) e “[*elohim*] ‘Deus’ sabe que no dia em que dele comerdes, se abrirão os vossos olhos”. E adivinhem o que vai acontecer? “...e sereis como [*elohim*] ‘Deus’, sabendo o bem e o mal” (v. 5). A mulher tomou do seu fruto e deu, também, ao seu marido, “...e ele comeu com ela” (v. 6), apesar de não ter dito uma única palavra.

Esta segunda narrativa da criação é muito ambígua porque o termo *`adam* ou *`adamah* por vezes é usado como se fosse o nome próprio do homem. Esta leitura afasta-se do significado original do termo em questão, como termo neutro, não se distinguindo do divino pela sua natureza sexuada. Por outro lado, no pronunciamento de Deus, o texto pareceria insinuar que a mulher estava só quando a serpente a tentou. O homem não diz que a serpente o tentou a ele; diz que a mulher que Deus lhe deu por companheira causou este problema no jardim. No entanto, a ambiguidade no uso destes termos dissipa-se nos comentários e na decisão finais em Génesis 3, 22, em que o Senhor Deus diz que o homem [*`adam*], a criatura original, “é como um de Nós”. Aqui, Adão e Eva não só respiram o alento divino que Deus insuflou no *`adam* original; também partilham a morte porque ambos são pó e em pó (*`adamah*) se tornarão. Parece ser razoável concluir que tanto o homem como a mulher ouviram o discurso da serpente. Ambos comeram o fruto e ambos sofrem as consequências das suas acções. Os dois foram expulsos do jardim; contudo, continuam a ser criaturas de Deus e são responsáveis perante Deus, mesmo através das lutas que marcarão o resto das suas vidas e da vida de toda a humanidade.²⁷

O nome de Eva

O homem chamou à sua mulher “Eva”, porque “ela era a mãe de todos os viventes” (Génesis 3, 20).

Depois do pronunciamento de Deus, o narrador informa os leitores que “Adão chamou o nome de sua mulher, Eva”, (*havah*, em hebraico) termo que significa “vida”. Este termo é tradicionalmente traduzido como “Eva” em português e espanhol (“Eve” em francês e inglês, e “Eva” em Sanga, enquanto que em swahili o nome retém a fonética hebraica de *Hawa*). O termo hebraico usado para Eva soa como a palavra que significa “vida”. A mulher é chamada *havah* porque “ela era a mãe de todos os viventes”(v.20).

Génesis 3, 16 é uma outra passagem que foi usada para demonstrar a inferioridade da mulher: “E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor terás filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará [*mashal*]”.²⁸ O termo hebraico *itstsabon*, que aqui se traduz como “dor” é o mesmo que Deus usa quando diz ao homem: “...com dor [*itstsabon*] comerás dela, todos os dias da tua vida” (3, 17). Deus vai multiplicar a dor – *itstsabon* – que a partir de agora faz parte da vida do homem E da mulher. Em Génesis 3, 15-16, lemos que o desejo da mulher “será para o teu marido [*`ish*]” e que este “dominará” sobre ela (v. 16). Esta passagem tem sido utilizada como “texto de prova” para fazer valer o ponto de vista da superioridade do homem sobre a mulher. Por ter prestado atenção à voz da mulher, Deus

²⁷ Ibid.

²⁸ Carol Meyers pensa que a frase: “as dores dos teus partos” deveria traduzir-se como “o teu trabalho e os teus partos (heronek)”. Ler, “Eve”[Eva] em *Women in Scripture* [Mulheres na Escritura], p. 81. Certas estudiosas bíblicas feministas interpretam a expressão “e ele te dominará” como um domínio relacionado com a sexualidade.

Mulheres Chamadas ao Ministério

amaldiçoa a `adamah, “a terra” (v. 17), da qual se formou `adam. É a esta `adamah, “a terra”, que `adam terá de tornar (v. 19). O desejo da mulher será para o seu marido e este “dominará” [*mashal*] sobre ela.

É de notar que este verbo hebraico *mashal* não tem a mesma raiz que o termo *radah* usado em Génesis 1, 26, em que *radah* denota a “autoridade” ou o “domínio” e que Deus acordou tanto ao homem como à mulher dominação “sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus e sobre o gado, e sobre toda a terra e sobre todo o réptil que se move sobre a terra” (v. 26). Quando se trata da humanidade, o homem não *radah* sobre a mulher; ele *mashal* sobre ela, isto é domina-a.

Este termo *mashal* aparece mais duas vezes na história da criação segundo a descrição em Génesis 1, 16-18, em que Deus criou dois grandes luminares – o luminar maior [o sol] para governar (*mashal*) o dia e o luminar menor [a lua] para governar (*mashal*) a noite. À luz do contexto específico em Génesis 1, 3, o que quer dizer o termo hebraico *mashal* que foi traduzido como “governar”? O que quer dizer que o sol ou a lua *mashal* (governa) sobre o dia e a noite, respectivamente? (Génesis 1, 18). A terra deseja a luz. Querirá isto dizer que a luz é superior à terra? O desejo da mulher será para o seu marido como o desejo da terra pela luz do sol e da lua. Para poder conceber, a mulher precisa do marido. O homem *mashal* sobre a mulher.²⁹ Será que isto faz com que a mulher seja inferior ao homem?

REFLEXÕES SOBRE A SAGRADA ESCRITURA PARA UM ESTUDO MAIS APROFUNDADO DA BÍBLIA

- Que pensa sobre os dois pontos de vista baseados no sexo e no género neutro, assim como no androcentrismo e no ginocentrismo?
- Leia mais uma vez, os capítulos 1 e 3 de Génesis, e preste atenção ao verbo “governar” (*mashal*). De que maneira é que o relato bíblico da criação, segundo o qual a luz (sol) “governa” o dia e a luz (lua) “governa” a noite, literalmente clarifica a maneira como o homem e a mulher se relacionam entre si e precisam um do outro?
- Agora, reflecta sobre a responsabilidade da mulher de conceber e ter os seus filhos (Génesis 3, 16). Haverá alguma indicação no texto que parir é uma maldição? A vitória será possível sem os sofrimentos da gravidez e do parto? Pode ver alguma ligação entre Génesis 3, 15 e I aos Coríntios 15, 22, quando Paulo diz: “Porque assim como todos morrem em Adão, assim, também, todos são vivificados em Cristo”? Explique, por favor.

29 Nesta selecção de palavras, podemos apreciar o poder do tradutor. *Mashal* não deveria compreender-se como o domínio do homem sobre a mulher.

Mulheres Chamadas ao Ministério

GLOSSÁRIO

- `adam* (Gênesis 1, 26). Termo hebraico genérico e neutro que designa um ser distinto de todos os outros seres vivos do mar, do céu e da terra; refere-se colectivamente à humanidade ou possivelmente a um ser humano individual sem consideração de sexo ou de género. Como homens e mulheres, todos fazemos parte do termo genérico *`adam*.
- hàadam* (Gênesis 1, 27). Termo hebraico sem especificidade de género, isto é, neutro. Devido a algumas traduções, *hàadam* é usado como um nome próprio (Adão) e traduz-se como “homem” ou “macho”. Nesta passagem, este termo traduz-se por “lhe”; se bem que o termo seja masculino, não designa especificamente um homem ou uma mulher. É esta entidade que Deus depois separa em dois seres humanos, “macho” e “fêmea”.
- hàadamah* (Gênesis 2, 7). Termo hebraico que significa “terra”.
- androcêntrico* Termo grego (de *andros*, “homem, macho”, e *centros*, “superior”). Faz alusão à superioridade do homem sobre a mulher.
- elohim* Termo hebraico que significa “Deus”.
- ezer* (Gênesis 2, 18). Termo hebraico que significa “adjutor” ou “ajudante”, mas não no sentido de uma pessoa subordinada a outra, mas sim em relação de igualdade.
- ginocêntrico* Termo grego (de *ginés*, “mulher, fêmea” e *centros*, “superior”), que faz alusão a uma posição de igualdade de direitos entre todas as pessoas; por vezes, afirma a superioridade da mulher sobre o homem.
- havah* (Gênesis 3, 20). Termo hebraico que significa “vida” ou “vidente” e que se traduz como “Eva” em português. A mulher é chamada Eva porque “ela era a mãe de todos os viventes”.
- ish* (Gênesis 2, 23). Termo hebraico que significa “homem”. Esta palavra evoca uma intimidade e uma semelhança à mulher e não o domínio desta.
- ishshah* (Gênesis 2, 23). Termo hebraico que significa “mulher”. Esta palavra evoca uma intimidade e uma semelhança ao homem e não uma subordinação a este ou uma marginalização deste.
- mashal* (Gênesis 3, 16). Termo hebraico que significa “dominar”. Não tem a mesma significação de *radah*, termo hebraico que é usado um pouco antes, em Gênesis 1, 26, e que evoca o “domínio” de uma pessoa sobre outra ou sobre outros seres vivos.
- neqebah* (Gênesis 1, 17). Termo hebraico que significa “fêmea” ou “mulher”. É o primeiro termo que exprime o género sexualmente específico para designar a qualidade biológica do sexo feminino.
- texto de prova* Texto da Bíblia usado fora de contexto para fazer valer um ponto de vista.
- itstsabon* (Gênesis 3, 17). Termo hebraico que significa “dor”.
- zakar* (Gênesis 1, 27). Termo hebraico que significa “varão”, “macho” ou “homem”. É o primeiro termo que exprime o género sexualmente específico para designar a qualidade biológica do sexo masculino.

Mulheres Chamadas ao Ministério

Quarta Sessão

ESTUDO ↔ FIDELIDADE / CONHECIMENTO

TEMA

A mulher, tal como o homem, define os seus compromissos para viver a sua vocação cristã através da fé e às vezes através do estudo. Ambas se relacionam entre si; ambas dançam juntas na nossa vida em ministério com Cristo.

CONVITE

Em algum momento se sentiu desafiada a aprofundar a sua fé e actuação, a fim de viver mais intensamente a chamada de Deus na sua vida? Celebramos as mulheres que ao longo da história e até aos dias de hoje nos disseram e continuam a dizer-nos “Vamos! Vivam a vossa chamada, não baseada no género, na classe, na cultura, na raça e assim por diante, mas no vosso baptismo como filhas de Deus!”

LEITURA DA BÍBLIA

Consultar “Mulheres da Bíblia” nesta sessão.

INTRODUÇÃO

Na Bíblia e através da história em geral, as mulheres têm ouvido a chamada ao ministério em nome de Jesus Cristo. Esta chamada tem sido recebida através de experiências pessoais individuais a sós ou em comunidade, durante o culto, a pregação e a oração. Por vezes, durante um momento, e outras vezes durante um longo período de tempo e através de várias experiências de Deus.

Em verdadeira resposta a esta chamada, as mulheres têm actuado com toda a fidelidade e com um profundo desejo de saber mais. Esta fidelidade tem levado as mulheres a estudar mais a fundo os textos bíblicos, a teologia dos seus antepassados e a reflexão crítica sobre a vida contemporânea. Por vezes, a fidelidade leva-nos à investigação e ao estudo.

Contudo, o estudo também leva à fidelidade e a uma compreensão mais profunda da relação com Deus. Através do estudo dos textos, ao fazer perguntas no seio de uma comunidade crente e por meio do diálogo com a vida contemporânea, pode viver-se uma chamada mais profunda à fidelidade. Esta fidelidade leva ao compromisso para com diferentes formas de ministério e à realização da vocação do baptismo.

A fidelidade leva ao estudo e o estudo leva à fidelidade. A *Disciplina da Igreja Metodista Unida de 2004*, convida-nos a ser críticos e construtivos do ponto de vista teológico para vivermos em fidelidade.

“O [nosso trabalho teológico] é *crítico* na medida em que pomos à prova várias expressões de fé e perguntamo-nos: São correctas? Apropriadas? Claras? Coerentes? Críveis? Baseiam-se no amor? Oferecem à igreja e aos seus membros um testemunho que é fiel ao Evangelho, tal como o nosso património vivo o reflecte de forma autêntica e convincente à luz da experiência humana e do estado actual do conhecimento humano?”

O [nosso trabalho teológico] é *construtivo* na medida em que cada geração tem de apropriar-se criativamente da sabedoria do passado e tem de procurar a Deus no seu contexto para poder pensar de outra forma em relação a Deus, a revelação, o pecado, a redenção, a adoração, a igreja, a liberdade, a justiça, a responsabilidade moral e outras preocupações teológicas importantes.” (¶104).

Mulheres Chamadas ao Ministério

Como cristãos, com um sólido fundamento da fé em Cristo, e vivendo num mundo em constante mutação, devemos fazer prova de um espírito crítico e da fidelidade. Os dois entrelaçam-se naturalmente com a vida e a expressão da nossa vocação. Dado que muitas mulheres têm vivido em sociedades que as consideram inferiores aos homens, elas têm optado por seguir o Evangelho, viver como Jesus, avançar em direcção à fidelidade, inspiradas pelo seu baptismo em Cristo como filhos de Deus, em vez de seguir as regras sociais baseadas no género, na classe, na cultura ou na raça, entre outras.

Através da história, as mulheres têm escutado intencionalmente a chamada para ser fiéis a Deus. A sua disposição em correr riscos, a sua coragem, a sua fortaleza no meio de tantas diferenças e a sua integridade, revelam-nos histórias que nos inspiram a viver uma vida abundante em Deus. Eis aqui algumas dessas histórias, histórias da Bíblia, de séculos anteriores e do nosso tempo.

AS MULHERES DA BÍBLIA

A mãe de Sansão (Juízes 13, 4-5)

- Um anjo do SENHOR apareceu a esta mulher cujo nome desconhecemos para lhe anunciar que ia conceber e ter um filho. O anjo pediu-lhe que se abstivesse de “vinho ou bebida forte” e não comesse alimentos imundos. Deus precisava de Sansão. E graças a esta mulher, Deus fez com que isso fosse possível.

Ana (1 Samuel 1, 11 e 22)

- Uma mulher de oração, Ana fez um voto condicional ao SENHOR, seguido de uma promessa. A sua oração foi respondida e teve um filho, Samuel, o qual ela consagrou como nazareno ao serviço do Senhor. Ana cumpriu a sua promessa. Através de uma mulher, Deus deu ao seu povo o profeta Samuel.

A jovem serva (Mateus 26, 69-75; Marcos 14, 66-72; Lucas 22, 54-62; João 18, 15-18)

- A criada identifica Pedro como um dos discípulos de Jesus, apesar de Pedro o negar. A jovem serva desencadeou uma série de acontecimentos decisivos na vida de Pedro quando insistiu que ele era uma das pessoas que acompanhava Jesus. Nessa mesma noite, em duas outras ocasiões, Pedro foi acusado de estar com Jesus e Pedro negou isso três vezes. A acusação desta criada fazia parte do propósito divino.

Débora (Juízes 4-5)

- A quinta juíza de Israel, a profetisa Débora foi a primeira mulher a ocupar esta posição. Débora tinha tanto poder e êxito, que o general Barac se recusava a combater sem ela. Débora profetizou que a vitória certamente ocorreria através de uma mulher e não graças a Barac. E acontece que foi Jael, uma mulher, que matou Sísera, o inimigo dos israelitas.

Raáb (Josué 2)

- Raáb escondeu na sua casa dois espiões hebraicos que andavam a espiar a terra inimiga de Jericó. Raáb foi uma antepassada de David e de Jesus e é lembrada, não por ter sido prostituta, mas pela sua coragem e confiança em Deus.

Jezabel (1 Reis 18)

- Esposa de Acab, rei de Israel (871–852 A. E .C.) [Antes da Era Cristã] e filha de Et-baal, rei de Sídon. É representada como uma mulher muito voluntariosa, dominante e rápida em criticar, disposta a controlar as situações, mas pouco disposta a renunciar ao controlo, mordaz, teimosa, impaciente e incapaz de reconhecer os seus próprios erros. Como é que se pode tirar partido, para a causa de Cristo, dos aspectos positivos de uma personalidade mais agressiva tão eficientemente como Jezabel usou os seus para a causa de Baal?

Mulheres Chamadas ao Ministério

A esposa de Pilatos (Mateus 27, 19)

- Uma mulher gentia, ou seja, que não era judia, que recebeu a revelação de Deus através de um sonho. Ao contrário de José e do mago gentio, cujas palavras podemos ouvir, a esposa de Pilatos é ouvida indirectamente através de um homem que era mensageiro. Deus usa tanto os homens como as mulheres sem ter em conta a sua raça nem o seu género.

A mulher pecadora (Lucas 7)

- Também conhecida como a “a pecadora que ungiu os pés de Jesus” ou “mulher com o vaso de alabastro”. Ela ofereceu todo o seu ser. Interrompeu a refeição dos homens e com as suas lágrimas regou os pés de Jesus, que enxugou com os seus cabelos e depois ungiu com o unguento que tinha no seu vaso de alabastro. O que esta mulher fez representa uma expressão de adoração, que CeCe Winans, famosa cantora americana, recreou maravilhosamente numa canção que diz: “Não sabes quanto custa o óleo no meu frasco de alabastro”.³⁰

Batseba (2 Samuel 11)

- Desconhecemos as palavras, os pensamentos e as emoções de Batseba; apenas sabemos a história do rei David, que cometeu adultério com ela. Será que Batseba teria podido recusar-se ao convite do rei David? Que nos conta esta história sobre a natureza do poder e do abuso naquela época e nos nossos dias?

A mulher com um fluxo de sangue havia doze anos (Marcos 5, 25-34)

- Esta mulher não é descrita pelo seu nome, mas sim pela sua doença: “...que havia doze anos tinha um fluxo de sangue...” Ela aproximou-se de Jesus por trás e a sua fé levou-a a estender a mão e a tocar em Jesus, com a esperança de que ocorreria um milagre que a curasse. E assim foi. O que esta mulher fez demonstrou a sua fé inabalável.

MULHERES DO PASSADO

Consultar o “Primeiro Apêndice: Panorama Cronológico” para obter mais informações.

Mary Bosanquet Fletcher (1739 – 1815)

- Arriscou-se a perder o apoio da família para educar, pregar e liderar entre os primeiros metodistas num contexto histórico e social em que não havia lugar para uma mulher solteira. (*Consultar a Segunda Sessão para saber mais sobre a sua história*).

Julia Foote (1823 – 1900)

- Esta mulher afro-americana do século XIX, arriscou a vida e a dignidade a viajar em itinerância pregando o evangelho e defendendo os direitos eclesiásticos da mulher e a causa da reconciliação racial.

Anna Snowden Oliver (1840 – 1892)

- Passou fome para responder à sua vocação para o ministério ordenado e educação teológica na Universidade de Boston. Foi a primeira mulher a receber o seu diploma de uma escola de teologia ou seminário; no entanto foi-lhe recusada a ordenação em 1880. Quando foi consultar o bispo Andrews que era o bispo da sua igreja para lhe perguntar o que poderia fazer, este respondeu-lhe dizendo que a única alternativa era deixar a Igreja.

Amanda Berry Smith (1837 – 1915)

- A irmã mais velha de 13 irmãos, Smith nasceu escrava e arriscou a sua segurança pessoal e foi ridiculizada durante as suas viagens pela Europa, a Ásia e a África, pregando e cantando o evangelho.

³⁰ “Alabaster Box”, do CD Alabaster Box, por CeCe Winans (lançado à venda em 1999).

Mulheres Chamadas ao Ministério

Lucy Rider Meyer (1849 – 1922)

- Formou-se em medicina quando a maior parte das faculdades de medicina não aceitavam as mulheres como alunas; reedificou o movimento de diaconisas e arriscou-se à censura da sua denominação para oferecer às mulheres oportunidades de formação para o ministério.

Frances Willard (1839 – 1898)

- Arriscou-se a ser criticada em todo o país não só por defender a causa do sufrágio feminino, mas também por procurar oportunidades para que as mulheres recebessem formação e usassem os seus dons no ministério com o mundo. Foi eleita pela sua Conferência como delegada leiga à Conferência Geral em 1888, mas foi-lhe recusada a participação devido a ser mulher. (*Consultar a Terceira Sessão para saber mais sobre a sua história*).

Belle Harris Bennett (1852 – 1922)

- Arriscou-se ser censurada pela sua denominação por promover oportunidades de ministério para as mulheres, assim como incentivar as relações de cooperação entre as raças no sul dos Estados Unidos. Os seus esforços enérgicos tornaram possível que a Igreja Metodista do Sul reconhecesse a igualdade de direitos eclesiásticos das mulheres leigas; foi co-fundadora duma escola para a formação de jovens mulheres missionárias.

Mary McLeod Bethune (1875 – 1955)

- Arriscou-se a cair na pobreza para estabelecer uma escola inicialmente criada para educar, incentivar e capacitar jovens afro-americanas para a liderança e o ministério no mundo; foi assessora de vários presidentes americanos e uma grande defensora da igualdade racial.

Georgia Harkness (1891 – 1974)

- Arriscou a sua carreira profissional no ramo da educação teológica para defender os direitos eclesiásticos da mulher, incluindo a ordenação. Foi a primeira mulher do século XX que ensinou num seminário protestante nos Estados Unidos, e foi defensora da justiça social assumindo posições que eram audaciosas e proféticas. A Conferência Geral de 1956, onde finalmente se reconheceram plenos direitos às mulheres como membros do clero, homenageou-a por todos os esforços que consagrou à ordenação das mulheres. Sem dúvida que “se conta entre todos os primeiros teólogos que interpretaram o ministério como a chamada a *todo* o povo de Deus e não apenas às pessoas ordenadas”. (Keller, *Georgia Harkness*).

Marjorie Swank Matthews (1916 – 1986)

- Ordenada como presbítera da Igreja Metodista Unida quando tinha 49 anos de idade, ela foi a primeira mulher a ser eleita como bispa entre toda a denominação cristã; serviu como bispa da Conferência de Wisconsin de 1980 à 1984.

MULHERES CONTEMPORÂNEAS

Leontine T. C. Kelly

- A primeira bispa afro-americana da Igreja Metodista Unida (1984); quando assumiu o episcopado, tendo sido ridiculizada e por muitos que tentaram fazê-la fracassar como bispa.

Minerva Carcaño

- A primeira mulher hispânica eleita como superintendente de distrito (1986–1992) e subsequentemente como bispa (eleita em 2004) da Igreja Metodista Unida. Fala arrojadamente da sua fé cristã como imigrante e como mulher; também fala em nome de muitas pessoas da nossa sociedade e da nossa igreja que não têm voz.

Mulheres Chamadas ao Ministério

Nobuko Miyake Stoner

- Actualmente, é membro do clero da Igreja Metodista Unida e foi a primeira mulher japonesa-americana nomeada superintendente de distrito. Teve de superar muitos obstáculos com a sua família por se ter convertido ao cristianismo e por se consagrar ao ministério ordenado.

Liatu Kane

- A primeira mulher a ser ordenada na Igreja Metodista Unida na Nigéria (em meados dos anos 90). Teve de sobrepor-se aos preconceitos e tensões da sua cultura e igreja em relação à liderança pelas mulheres e às críticas suscitadas pelo facto de criar a sua própria família enquanto se preparava para o ministério.

Diana Eck

- Nascida no estado de Montana, nos Estados Unidos e metodista desde a sua infância, durante anos tem trabalhado em prol do diálogo entre pessoas de diferentes confissões de fé, o que nos faz lembrar as nossas preciosas conexões globais. Professora de religiões e de estudos índios na Universidade de Harvard, ela é uma “voz eloquente na luta pela tolerância e compreensão religiosa nos Estados Unidos e em todo o mundo”. (*GCSRW Bulletin Inserts, UMC, Mars 2007*)

Jocelyn Elders

- A primeira mulher afro-americana nomeada cirurgião geral dos Estados Unidos (nos anos 90) tem trabalhado sempre arduamente para ajudar as pessoas a compreender a importância dos cuidados médicos e, fundamentalmente, da prevenção. Cresceu numa família pobre, na comunidade agrícola de Schaal, no estado de Arcansas e tem feito parte do exército americano, na área da medicina e o seu compromisso para com as necessidades das crianças, dos adolescentes, das famílias, das mulheres e das pessoas idosas é evidente no exercício da sua profissão de médica e na sua militância política. Afirmou o seguinte: “Todos sabemos que a saúde e a riqueza de uma nação estão directamente relacionadas com a saúde e a educação das suas mulheres...” (*GCSRW Bulletin Inserts, UMC, Mars 2007*)

Katya Lyzhina

- Uma jovem de dezasseis anos do estado de Arcansas, que procura contribuir com algo de significativo para a sua comunidade; fundou o programa “Recolha de Bagagem”, que se destina a recuperar malas de viagem, mochilas e sacos de viagem, novos ou ligeiramente usados, que o Departamento de Recursos Humanos do seu estado distribui entre as crianças que vivem com famílias adoptivas temporárias. Muitas vezes, estas crianças temporariamente adoptadas podem meter tudo aquilo que possuem numa mala ou num saco. A Katya foi adoptada em 2000, quando vivia em Ekaterinbourg, na Rússia e, actualmente é membro da *First United Methodist Church*, localizada na cidade de Little Rock, em Arcansas. Quando foi adoptada, sofria de malnutrição, de paralisia cerebral e precisava de operações cirúrgicas às pernas e às costas. Além disso, não falava inglês. Graças a numerosas operações e ao estudo intensivo do inglês que lhe permitiu falar esta nova língua, a Katya recuperou a sua saúde, é feliz e trabalha arduamente para ajudar os outros. (*Interpreter Magazine Online, UMC*)

LITANIA PARA CELEBRAR A LIDERANÇA DAS MULHERES

Consultar as três páginas seguintes para ler a litania na sua totalidade.

REFLEXÕES SOBRE A LITANIA

A litania é composta por um círculo de testemunhos das nossas irmãs que através dos tempos têm sido fiéis à sua chamada em nome de Jesus Cristo. Com quem se identifica? De que maneira a coragem e o risco têm tecido a sua própria história com a história de algumas destas mulheres? Se quiser acrescentar o seu próprio nome à litania, o que diria sobre si?

Mulheres Chamadas ao Ministério

Deus nos dá dons

[Litania contemporânea inspirada nos salmos 111 e 136, com uma resposta comunitária. Litania da autoria de Delia Halverson].

Um anjo apareceu à **mulher**, e a mulher concebeu Sansão. Deus precisava de Sansão.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

Como a **Ana** era uma mulher de oração, ela prometeu um filho ao Senhor. Deus deu-lhe Samuel.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

Ao pôr em causa a sua identidade, a **jovem serva** contribuiu para que Pedro assumisse a sua relação com Cristo.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

Deus deu sensatez a **Débora** para que ela fosse juíza de Israel e líder do seu povo.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

Apesar de se ter dedicado à prostituição, **Raáb** aceitou o dom da coragem de Deus e confiou em Deus.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

A fé curou a **mulher** que tinha tido hemorragias durante doze anos.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

A gratidão e o amor transformaram a **mulher pecadora** de tal maneira que adorou Jesus e exprimiu a sua veneração ungindo-lhe os pés.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

Ajudar os pobres, educar e mesmo pregar, eram alguns dos dons naturais de **Mary Bosanquet Fletcher**.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

Viajando por todo o território dos Estados Unidos no século XIX, a afro-americana, **Julia Foote**, defendendo os direitos eclesiásticos das mulheres e a reconciliação racial.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

Para **Mary McLeod Bethune**, a justiça e as oportunidades para as meninas e as jovens afro-americanas foram mais importantes do que o risco pessoal de viver na pobreza.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

A sua preocupação pela comunhão e a compreensão mútua entre as diferentes confissões de fé contribuíram para que **Diana Eck**, nascida no estado de Montana e metodista desde criança, fosse professora na Universidade de Harvard.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

Leontine T. C. Kelly, foi ridiculizada e menosprezada quando foi eleita como primeira bispa afro-americana pela Igreja Metodista Unida.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

Mulheres Chamadas ao Ministério

Minerva Carcaño, a primeira bispa hispânica, fala da sua experiência como mulher e imigrante, em nome de muitas pessoas marginalizadas.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

Apesar de ser a única cristã da sua família, **Nobuko Miyake Stoner** respondeu à chamada de Deus para o ministério ordenado na Igreja Metodista Unida.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

Oportunidades para a mulher foi o tema de **Frances Willard**, que apesar de ser criticada a nível nacional, trabalhou arduamente que as mulheres também pudessem votar.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

Anna Snowden Oliver viveu na penúria e chegou a passar fome durante os anos em que estudou teologia na Universidade de Boston para responder à sua chamada ao ministério ordenado.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

Para criar os filhos ao mesmo tempo que se capacitava para o ministério ordenado, houve gente que dizia que **Liatu Kane**, a primeira mulher ordenada na Igreja Metodista Unida da Nigéria, sofria de problemas mentais.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

Arriscando-se a que a sua própria denominação desaprovasse os seus esforços, **Lucy Rider Meyer** promoveu a formação e oportunidades de ministério para as mulheres.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

Durante todas as suas viagens internacionais para pregar e cantar o Evangelho, **Amanda Berry Smith** nunca se preocupou com a sua própria segurança pessoal.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

A educação teológica muito teve a ganhar quando **Georgia Harkness** passou a ser a primeira mulher a ensinar teologia num dos principais seminários protestantes nos Estados Unidos. Ela considerava o ministério como sendo a chamada de Deus a *todas* as pessoas, e não unicamente às pessoas ordenadas.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

Jocelyn Elders, que foi Cirurgiã Geral dos Estados Unidos, preconizava os cuidados médicos para todas as pessoas com uma ênfase especial sobre a prevenção.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

Alegre e entusiasmada com a sua chamada, **Katya Lyzhina**, uma dinâmica jovem de dezasseis anos, pôde superar as consequências da malnutrição e da paralisia cerebral e fundou o programa “Recolha de Bagagem”, para fazer a recolha de malas e sacos de viagem e mochilas, novos e ligeiramente usados, para doar às crianças que vão viver com famílias adoptivas temporárias.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

A mulher de Pilatos, uma mulher gentia, ou seja, não era judia, recebeu a revelação de Deus através de um sonho.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

Mulheres Chamadas ao Ministério

O comportamento imoral do rei David para com Bateba desagradou fortemente a Deus. No entanto, Deus usou esta mulher para ser a mãe de Salomão, o futuro líder dos israelitas.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

As **jovens mulheres** de hoje mostram-se impacientes para seguir a chamada de Deus ao ministério.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

As palavras zelo e entusiasmo descrevem muito bem a maneira como os nossos **antepassados** retribuíram a Deus aquilo que este lhes tinha dado. De que maneira é que o nosso próprio zelo e entusiasmo inspiram **as mulheres de hoje** a responder à chamada de Deus para servir através do ministério laico e ordenado.

Deus nos dá dons e nós oferecemo-los a Deus.

Que dons posso oferecer?

Mulheres Chamadas ao Ministério

Quinta Sessão

DIVISÃO - PLENITUDE

TEMA

Reivindicar a liderança das mulheres, particularmente a ordenação, como um exemplo da fidelidade da igreja.

CONVITE

A Igreja Metodista Unida reivindica a plena participação das mulheres em todos os aspectos da vida da igreja, incluindo a ordenação, em conformidade com a nossa compreensão bíblica e histórica. Não obstante, neste mesmo texto bíblico, existem tensões. Será que poderemos encontrar a plenitude nos textos bíblicos, no que se refere ao papel e à identidade da mulher?

LEITURA DA BÍBLIA

I Coríntios 11, 7-12 ; 14, 20-25 ; 14, 33a-35 ; I Timóteo 2, 11b-15 ; Aos Gálatas 3, 28

ESTUDO DA BÍBLIA

Em 1983, quando a Conferência Anual do Sul do Congo ordenou a sua primeira mulher pastora, surgiram tensões e formaram-se dois grupos antagonistas. Um grupo afirmava a superioridade, confirmada por Deus, do homem sobre a mulher e cria que esta superioridade era estabelecida no momento da criação, no começo da raça humana. Os defensores deste ponto de vista citavam Gênesis 2 e 3, assim como I Coríntios 11, 7-12 e 14, 33a-35 e I Timóteo 2, 11b-15. O outro grupo afirmava a igualdade do homem e da mulher e cria que eram ambos dignos e tinham sido criados para ser interdependentes. Este grupo mantinha que tal como um pássaro não pode voar com uma só asa, também uma igreja não pode viver em plenitude sem que o homem e a mulher (as duas asas) ocupem posições de liderança. Aqueles que eram desta opinião, citavam Gálatas 3, 28: “Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há masculino nem feminino; porque todos vós sois um, em Jesus Cristo”.

Esta mesma tensão e desacordo se sentem hoje nas igrejas cristãs, incluindo a Igreja Metodista Unida. Examinemos os dois pontos de vista destes textos sob uma perspectiva literária com a esperança de descobrir a plenitude no meio da divisão.

Gênesis 1-3

(Consultar a Terceira Sessão deste estudo da Bíblia, que inclui uma revisão dos textos bíblicos referentes à criação do ser humano e do papel de Eva). Os textos do Novo Testamento que se mencionam nesta sessão, fazem referência às passagens de Gênesis para demonstrar o seu próprio ponto de vista).

I Coríntios 11, 2-16)

E louvo-vos irmãos, porque em tudo vos lembrais de mim, e retendes os preconceitos, como vo-los entreguei.

Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo o varão, e o varão a cabeça da mulher; e Deus a cabeça de Cristo. Todo o homem que ora ou profetiza, tendo a cabeça coberta, desonra a sua própria cabeça. Mas toda a mulher que ora ou profetiza, com a cabeça descoberta, desonra a sua própria cabeça, porque é como se estivesse

Mulheres Chamadas ao Ministério

rapada. Portanto, se a mulher não se cobre com véu, tosquia-se também. Mas se, para a mulher, é coisa indecente tosquia-se ou rapar-se, que ponha o véu. O varão, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus; mas a mulher é a glória do varão. Porque o varão não provém da mulher, mas a mulher do varão. Porque, também, o varão não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do varão. Portanto, a mulher deve ter sobre a cabeça sinal de poderio, por causa dos anjos.

Todavia, nem o varão é sem a mulher, nem a mulher sem o varão, no Senhor. Porque, como a mulher provém do varão, assim também o varão provém da mulher, mas tudo vem de Deus. Julgai entre vós mesmos: é decente que a mulher ore a Deus, descoberta? Ou não vos ensina a mesma natureza que é desonra para o varão ter cabelo crescido? Mas, ter a mulher cabelo crescido lhe é honroso, porque o cabelo lhe foi dado em lugar de véu? Mas, se alguém quiser ser contencioso, nós não temos tal costume, nem as igrejas de Deus.

Tenhamos em conta que estes textos, I Coríntios 11, 2-16; 14, 20-25 e 33a-35, e I Timóteo 2, 11b-15, fazem parte das epístolas atribuídas a Paulo, fazendo alusão à condição e ao papel da mulher na igreja do seu tempo. Em I Coríntios 11, 2-16, Paulo fala tanto dos homens como das mulheres que oravam e profetizavam, apesar de não fazer nenhuma distinção quanto a uns serem mais importantes do que os outros nos ritos do culto. Em I Coríntios 11, 5 fala-se de mulheres que profetizam. Trata-se, simplesmente da continuação de uma tradição que data da época da Bíblia hebraica, que também é conhecida como o Antigo Testamento. (Por exemplo, a história de Débora, em Juízes, 4, 4).

Na sua epístola aos Coríntios, a maior preocupação de Paulo era considerar inapropriado, tendo em conta os costumes da época, especialmente o simbolismo de cobrir ou não a cabeça durante o culto. Nos versículos 14-15, Paulo precisa que a própria “natureza” ensina que é uma vergonha para o homem usar o cabelo comprido; no entanto, considerava que, para a mulher, usar o cabelo comprido é “honroso”.³¹ Não obstante, desde o começo dos tempos, alguns homens têm usado o cabelo comprido. Paul manifesta a sua própria opinião.

Alguns estudiosos têm sugerido que Paulo temia que o mesmo tipo de cabeleira para os homens e as mulheres podia sugerir uma ambiguidade sexual.³² Em todo o caso, parecia que Paulo certamente julgava que era muito importante que os homens e as mulheres acentuassem as suas diferenças a este respeito (v. 6), e ofereceu três razões teológicas para esta diferenciação. Aparentemente, Paulo fundamentou estas razões na sua interpretação de Génesis 1, 26-27.

Primeiro, ele julgava que o homem é a imagem e a reflexão de Deus, enquanto que a mulher é a reflexão do homem (v. 7). Em segundo lugar, “o varão não provém da mulher, mas a mulher do varão” (v. 8). E em terceiro lugar, o homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do homem (v. 9). Contudo, Paulo conclui o seu raciocínio afirmando a interdependência entre o homem e a mulher”. E acentua isto ao acrescentar: “Mas tudo vem de Deus” (v. 11-12). Estes princípios de interdependência que Paulo menciona, são sublinhados mais uma vez em Gálatas 3, 28 quando reafirma um princípio cristão de igualdade que desafia as barreiras raciais, sociais e de género. Declara: “Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há masculino nem feminino; porque todos vós sois um, em Jesus Cristo”.

I Coríntios 14, 20-25

Irmãos, não sejais meninos no entendimento, mas sede meninos na malícia, e adultos no entendimento. Está escrito na lei:

“Por gente de outras línguas, e por outros lábios, falarei a este povo; e, ainda assim, me não ouvirão [Isaías 28, 11, Deuteronomio 28, 49] diz o senhor”.

31 Esta conclusão é desconcertante e sem fundamento conhecido, dado que desde longa data, tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento, os homens da Bíblia eram descritos como usando o cabelo comprido, incluindo o próprio Cristo que é sempre representado com o cabelo comprido.

32 Jerome Murphy-O'Connor, “Sex and Logic in 1 Corinthians 11, 2-16 », Catholic Biblical Quarterly 1980 42 (1980) (pp. 482-500): (especialmente a p. 498).

Mulheres Chamadas ao Ministério

De sorte que as línguas são um sinal, não para os crentes, mas para os descrentes; e a profecia não é sinal para os descrentes, mas para os crentes. Se, pois, toda a igreja se congregar num lugar, e todos falarem línguas estranhas, e entrarem indoutos ou descrentes, não dirão, porventura, que estais loucos? Mas, se todos profetizarem, e algum indouto ou infiel entrar, de todos é convencido, de todos é julgado. Os segredos do seu coração ficarão manifestos e, assim, lançando-se sobre o seu rosto, adorará a Deus, publicando que Deus está, verdadeiramente, entre vós”.

No segundo texto, I Coríntios 14, 20-25), Paulo fala de toda a igreja que se congrega num lugar e profetiza como uma comunidade de crentes (v. 23). Pouco antes, no mesmo capítulo, Paulo descreve um profeta como alguém que edifica, exorta e consola a congregação (v. 4), e como diz que fala de toda a igreja, podemos concluir que, a este respeito, tanto os homens como as mulheres podem exercer funções de liderança.

Por outro lado, em I Coríntios 14, 33b-36, Paulo diz: “as mulheres estejam caladas nas igrejas, porque lhes não é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei” (v. 34). “E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa os seus próprios maridos; porque é indecente que as mulheres falem na igreja” (v. 35). Esta admonição contra as mulheres falando na igreja poderia indicar que as mulheres, não só profetizavam na igreja, mas também faziam perguntas e davam a sua opinião, algo que Paulo não aprovava. (Em geral, não se pede a alguém que se cale, a não ser que essa pessoa esteja a falar).

I Timóteo 2, 11-15

A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio, porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação.

Neste último texto I Timóteo 2, 11-15), que tem sido utilizado para manifestar a sua oposição à liderança da mulher na igreja, Paulo ordena que as mulheres devem manter-se em silêncio (v. 11) e, além disso que não exerçam autoridade sobre o homem (v. 12). Paulo mantinha, seguramente, que uma mulher que ensina ou que exerce autoridade sobre o seu marido viola a tradição da submissão, e dá três razões teológicas aparentemente fundamentadas na sua compreensão de Génesis 3, 15-16a.

Em primeiro lugar, crê que “...primeiro foi formado Adão, depois Eva” (I Timóteo 2, 13). Em segundo lugar, “Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada” (v. 14a). Em terceiro lugar, a mulher “caiu em transgressão” (v. 14b). A seguir, Paulo conclui a sua reflexão teológica, com uma afirmação sobre a salvação da mulher: “Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação” (v. 15)

A maneira como Paulo interpreta Génesis 1-3 é diferente da interpretação do Antigo Testamento (*consultar a Terceira Sessão*) e incita-nos a examinar os textos a fundo. A maneira como interpretamos estes textos determinará a forma como vivemos segundo as crenças na nossa igreja e no nosso ministério, e como nos tratamos uns aos outros.

REFLEXÕES SOBRE A SAGRADA ESCRITURA

Podemos encontrar nas epístolas de Paulo a plenitude para as mulheres na igreja como um todo? Que devemos fazer para que a plenitude que encontramos em Cristo nos possa ajudar a reconciliar os ensinamentos de Paulo (em relação ao papel da mulher) com o seu papel de apóstolo e de missionário designado pela autoridade divina? Podemos reconciliar os ensinamentos de Paulo com a nossa compreensão actual dos ensinamentos de Cristo? Se você, ou um outro cristão, não estão de acordo sobre o significado destes textos, pensa que, de uma maneira ou de outra, podem encontrar, em conjunto, a plenitude em Cristo, apesar das vossas discórdias, em relação aos ensinamentos de Paulo sobre o papel da mulher?

Mulheres Chamadas ao Ministério

(Se tiver tempo e se lhe interessar um estudo mais aprofundado da Bíblia, continue a ler o que se segue).

ESTUDO ADICIONAL DA BÍBLIA

(Consultar o glossário no fim desta sessão).

I Timóteo 2, 11-15

Em I Timóteo 2, 11-15, podemos ouvir um eco incontestável da descrição yahvista da criação (Génesis 2, particularmente os versículos 7, e 21-22). Nesta passagem, o autor utiliza Génesis 2 como “texto de prova” para demonstrar a condição de inferioridade da mulher. Isto está claramente expresso em I Timóteo 2, 13-14, onde o autor precisa as bases da subordinação da mulher: 1) Adão foi formado primeiro, Eva foi depois; 2) a relação entre a mulher e a queda da humanidade (a pessoa culpável de uma transgressão foi uma mulher, não um homem). Por conseguinte, segundo este autor bíblico, a redenção da mulher chegará quando der à luz filhos.

Esta alusão interpretativa revela-se problemática devido a três razões. Primeiro, em Génesis 2 não existe nenhuma conotação hierárquica que o autor de I Timóteo põe em evidência. O facto de que o SENHOR Deus formou *‘adam* (masculino) com o pó da *‘adamah* (feminino), “a terra” (2, 7) não significa que *‘adam* é inferior à terra. Em segundo lugar, o autor de I Timóteo não se dá conta de que a criação de Deus está incompleta sem *‘ezer*, isto é “a adjutora” que corresponde a *‘adam* (2, 18). Como se menciona na Terceira Sessão, o termo *‘ezer* aparece 21 vezes na Bíblia hebraica. Quatro ocorrências referem-se a ajuda militar e em dezassete casos Deus é o *‘ezer*. Em nenhuma parte da Bíblia este termo *‘ezer* é usado para indicar algo de mais fraco ou inferior. Por último, em (I Timóteo 2, 14 esta afirmação onde se diz que: “Adão não foi enganado, mas a mulher [...] caiu em transgressão”. Esta declaração, parece demasiado geral e injustificável, porque Adão teve a mesma oportunidade de Eva de rejeitar o fruto da árvore.

É uma interpretação de Génesis 3, 1-13. Neste texto específico, a mulher avalia a situação e vê “que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento”. Por isso, “tomou do seu fruto, e comeu, e deu, também, a seu marido, e ele comeu com ela” (3, 6). Supúnhamos por um momento que o homem, que era suficientemente inteligente para dar nomes a todos os animais (2, 19-23), certamente que podia reflectir de maneira suficientemente crítica para avaliar a situação e decidir comer o fruto ou não comê-lo. Então, é óbvio que o autor de I Timóteo 2, 11-15 não só destorce a história da criação, mas também representa incorrectamente o homem assim como a mulher. A sua interpretação, tal como expressa no versículo 14, é consideravelmente diferente da do autor de Génesis e da maneira como o SENHOR Deus compreende a culpabilidade. O autor de Génesis diz-nos que os olhos do homem e da mulher se abriram ao mesmo tempo, e que quando isto ocorreu, “conheceram que estavam nus” (3, 7), e que depois o SENHOR Deus os confrontou pela sua transgressão. Ambos tentaram justificar-se perante o SENHOR Deus, e acabaram por se isolar um do outro e do Criador. Sem discriminar, o SENHOR Deus pronuncia palavras de castigo para os dois.

Segundo o autor de I Timóteo 2, 15, a mulher “salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia, na fé, no amor e na santificação”. Em I Timóteo 2, 15, a salvação da mulher através da maternidade é condicional. Ela tem de permanecer em fé, no amor e na santificação e viver com temperança. O autor de I Timóteo 2 baseia-se em Génesis 3, 16b para tratar de uma situação específica, nomeadamente, o ensino de doutrinas diferentes em I Timóteo 1, 3, que encorajam a divulgação de mitos e de genealogias, em vez de proclamar a fé (1, 4), assim como a adesão a espíritos enganadores e a doutrinas de demónios (4, 1), e que além disso proibiam o casamento e ordenavam a abstinência de certos alimentos (4, 3). O autor de I Timóteo sente-se obrigado a dar instruções pertinentes sobre a casa, os filhos e o casamento das viúvas (5, 9-10; 13-16). As mulheres ociosas bisbilhotavam de casa em casa (5, 13). Com vista a lidar com uma situação crítica do seu tempo, o autor de I Timóteo 2 faz apelo à história da criação e reinterpreta-a, para fazer valer o seu próprio ponto de vista. Precisa, concretamente, que a salvação da mulher será conseguida através da maternidade,

Mulheres Chamadas ao Ministério

desde que e quando a mulher viva em fidelidade, amor, santificação e modéstia.

I Coríntios 11,7-9

A interpretação deformada da história da criação em I Timóteo 2 ecoa a que se encontra em I Coríntios 11, 7-9. Segundo I Coríntios 11, 7-9, Paulo diz que o homem é a imagem e a glória de Deus, enquanto que a mulher é a glória do homem porque “o varão não provém da mulher, mas a mulher do varão; porque também, o varão não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do varão”. Estes dois versículos interpretam erroneamente a história da criação (como vimos na Terceira Sessão) e também contrastam com I Coríntios 11, 11-12 que sublinha a inter-relação e a interdependência do homem e da mulher, assim como todas as coisas no Senhor: “Todavia, nem o varão é sem a mulher, nem a mulher sem o varão, no Senhor; porque, como a mulher provém do varão, assim, também, o varão provém da mulher, mas tudo vem de Deus” (I Coríntios 11, 11-12). Estes dois versículos, juntamente com a afirmação igualitária em Gálatas 3, 28, harmonizam-se com a compreensão inclusiva da liderança na igreja, dado que “Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há masculino nem feminino; porque todos vós sois um, em Jesus Cristo”.

GLOSSÁRIO

<i>`adam</i>	(Gênesis 1, 27). Termo hebraico sem especificidade de género, isto é, neutro. Devido a algumas traduções, <i>hàadam</i> é usado como um nome próprio (Adão) e traduz-se como “homem” ou “macho”. Nesta passagem, este termo traduz-se por “Ihe”; se bem que o termo seja masculino, não designa especificamente um homem ou uma mulher. É esta entidade que Deus depois separa em dois seres humanos, “macho” e “fêmea”.
<i>`adamah</i>	(Gênesis 2, 7). Termo hebraico que significa “terra”.
<i>ezer</i>	(Gênesis 2, 18). (Gênesis 2, 18). Termo hebraico que significa “adjutor” ou “ajudante”, mas não no sentido de uma pessoa subordinada a outra, mas sim em relação de igualdade.
<i>Yahvista</i>	O autor de uma parte do livro de Gênesis, provavelmente diferente daquele que escreveu o primeiro capítulo.

REFLEXÕES SOBRE A SAGRADA ESCRITURA PARA UM ESTUDO MAIS APROFUNDADO DA BÍBLIA

Há coerência na Sagrada Escritura?

Releia I Coríntios 11, 2-16. Alguns estudiosos observaram que este texto em particular é incoerente. Walker mantém que I Coríntios 11, 2-16 é uma inserção que consta de três unidades inicialmente distintas que referem três temas muito diferentes, se bem que sejam relacionados. Walker argumenta que nenhuma destas unidades é autenticamente paulina.³³

- Pode ver esta falta de coerência quando lê o texto?
- Será que isso muda a sua compreensão da evidência textual estabelecida em I Coríntios 11, 5 que afirma claramente que a mulher desempenha as mesmas funções que o homem (v. 4), nomeadamente, orar e profetizar?
- Vê alguma contradição neste caso em particular?

33 Consultar William O. Walker, Jr. “1 Corinthians 11:2:16 and Paul’s Views Regarding Woman”, *Journal of Biblical Literature* 94, 1975 (pp. 94-109).

Mulheres Chamadas ao Ministério

- Agora, reflecta sobre os comentários de Paulo acerca do homem e da mulher sobre o facto de não se cobrir a cabeça como deve ser respectivamente.³⁴ Será que isso significa de alguma maneira que as mulheres não devem ocupar posições de liderança na igreja de Corinto?

Os homens e as mulheres são iguais? O que é que isso significa?

Paulo dá três razões teológicas para a recomendação de se cobrir a cabeça. Reflecta sobre cada uma delas. A primeira declara que o homem é à imagem e glória de Deus enquanto que a mulher é a glória do homem (I Coríntios 11, 7). A segunda que “o varão não provém da mulher, mas a mulher do varão” (v. 8); e a terceira que “também, o varão não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do varão” (v. 9).

- Após ter discutido e reflectido sobre a interpretação teológica de Paulo acerca das tradições da Génesis em relação à ordem da criação do homem e da mulher, pensa que Paulo estava a demonstrar a inferioridade da mulher em relação ao homem?
- Que pensa da conclusão de Paulo no verso 12, em que este declara que “como a mulher provém do varão, assim também o varão provém da mulher, mas tudo vem de Deus”?
- Paulo segue o mesmo padrão em I Timóteo 2, 11-15, onde recomenda que “a mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição” (v. 11), sem que “ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio” (v. 12). Paulo baseava-se em Génesis 3, 15-16a para justificar a sua recomendação: “Porque primeiro foi fundado Adão, depois Eva” (I Timóteo 2, 13); “E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão” (v. 14). A seguir, Paulo termina dizendo à mulher que “salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação” (v. 15). Que pensa da interpretação de Paulo das passagens da Génesis tanto no caso de I Coríntios 11 como neste?

Qual é a sua resposta a estas diferentes interpretações?

Filão de Alexandria (20 A.E.C. – 50 E.C.) foi um filósofo do judaísmo helénico e contemporâneo do apóstolo Paulo, que também tem algo a dizer sobre a mulher a partir da sua interpretação da passagem de Génesis.

Filão escreveu o seguinte:

« Porque é que a mulher, tal como os animais e o homem, não foi também formada da terra e não da costeleta do homem? Primeiro, porque a mulher não é igual ao homem em honra [*doxa*]. Segundo, porque não é igual em idade, mas mais jovem. Assim, aqueles que tomam esposas que já passaram a plenitude da vida, serão criticados por destruir as leis da natureza. Terceiro, deseja que o homem cuide da mulher como uma parte muito necessária do seu próprio ser; mas a mulher, em troca, deve servi-lo completamente. Quarto, aconselha o homem, em sentido figurado, a cuidar da mulher como se ela fosse sua filha, e à mulher que honre o homem como a um pai... »³⁵

- Pensa que a atitude de Filão para com a mulher é melhor ou pior do que a de Paulo?
- Acaso ambos afirmam que “há que manter a mulher no seu lugar inferior, apesar de que devemos reconhecer que ela é necessária”? Que pensa desta interpretação?

É a favor das mulheres ocuparem posições de liderança?

34 Pseudo-Filocides, um judeu helénico e contemporâneo de Paulo, aconselha aos pais o que se segue: “se têm um filho, não lhe deixe crescer o cabelo. Não lhe faça tranças, nem nós nos cabelos. O cabelo comprido não é apropriado para os homens, mas sim para as mulheres voluptuosas...” (v. 210-14). P.W. van der Horst, *The Sentences of Pseudo-Phocylides with Introduction and Comontary* (Leiden: Brill, 1978) pp. 81-83).

35 R. Marcus, Philo, Supplement 1: Questions and Answers on Genesis (LCL; London: Heinemann; Cambridge: Harvard University, 1953), p. 16.

Mulheres Chamadas ao Ministério

- Tendo em conta a interpretação de Paulo quanto à história da criação e à condição da mulher em relação ao homem, crê que Paulo teria tratado as mulheres com grande estima e respeito, a ponto de aprovar e de apoiar o seu desempenho em posições de liderança?
- Pensa que as opiniões de Paulo, assim como as regras e costumes do seu tempo, devem aplicar-se a todas as épocas e a todos os lugares?
- Se é uma mulher casada, pode imaginar-se sempre calada na igreja, esperando ter de voltar a casa para fazer perguntas ao seu marido? Crê que poderia habituar-se a sugerir, comentar, observar e opinar apenas através do seu marido?
- E se é uma mulher celibatária, a quem deveria dirigir as suas perguntas, sugestões e comentários?
- Se é um homem casado, imagine a sua esposa em silêncio na igreja, sem poder falar até voltar a casa. Que pensa sobre isso? Gostaria de ter a responsabilidade de falar sempre por ela, de ensinar sempre em nome dela, e de ensiná-la constantemente e de responder sempre às perguntas dela?
- Pensa que os textos precedentes revelam à igreja de hoje que as mulheres deveriam ser excluídas de posições de liderança?

Mulheres Chamadas ao Ministério

Sexta Sessão

SEGUINDO EM FRENTE...

TEMA

Explorar, desafiar e reivindicar a nossa chamada para participar no Reino de Deus, onde todas as pessoas são chamadas ao ministério.

CONVITE

Como crêem poder viver em toda a fidelidade à chamada de Jesus Cristo na vossa própria vida? Como mulher, como sente e reivindica a sua plena participação no Reino de Deus? Como homem, como pode continuar a viver em toda a fidelidade esta chamada abrindo o caminho para que as mulheres possam ter acesso a funções de liderança?

LEITURA DA BÍBLIA

Mateus 15, 21-28; Marcos 7, 24-30; Mateus 28, 19

ESTUDO DA BÍBLIA

À medida que a mulher avança na sua maturidade espiritual, ela tem a responsabilidade de explorar, desafiar e reivindicar a sua chamada a participar no Reino de Deus ao qual todos somos chamados. Como mencionámos na Primeira Sessão, a mulher cananeia mudou definitivamente o rumo do ministério de Jesus. Esta evolução para um novo paradigma aparece no fim do Evangelho de Mateus quando Jesus diz: “É-me dado todo o poder, no céu e na terra. Portanto, ide, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo” (Mateus 28, 19). A mulher cananeia funciona como o canal da cura, não só para a sua filha, mas também para a comunidade.

No relato paralelo (Marcos 7, 24-30), é uma mulher “grega, sirofenícia de nação” (v. 26). Aproxima-se de Jesus que estava numa casa. As palavras desta mulher são diferentes das que aparecem em Mateus 15, 21-28. Apesar dos dois relatos conterem detalhes diferentes, ambos têm o mesmo tema, isto é, os que pertencem à comunidade e os que não pertencem. Por outras palavras os que são incluídos (dentro) e o que são excluídos (de fora). Que se teria passado se a mulher cananeia tivesse aceitado o lugar que lhe pertencia, isto é, o de cachorrinho debaixo ou à volta da mesa, abanando a cauda como fazem os cães, sem poder sentar-se à mesa com os outros convivas? Pensa que poderia responder a esta pergunta tal como respondeu na Primeira Sessão 1? Agora, imagine que está no lugar da mulher cananeia. Que vê? Que emoções descobrem em si mesmo(a)?

Na Segunda Sessão, “descobrimos de novo a chamada das mulheres a participar plenamente em Cristo e no seu serviço através da igreja. Na Terceira Sessão, estudámos em conjunto as diversas interpretações de Génesis 1-3 em relação à criação dos seres humanos. E na Quarta Sessão, fomos convidados a pensar criticamente para viver em toda a fidelidade. Como tem reagido quando se põe no lugar da mulher cananeia desta história? Como reagiria? Pode responder da mesma maneira a esta pergunta tal como o fez na Primeira Sessão?

A perseverança da mulher cananeia teve resultados tanto para ela como para a sua filha. A sua história transcende o tempo e o local. Mesmo hoje, abre-nos os olhos e ajuda-nos a ver como podemos superar os rótulos negativos, a discriminação, os preconceitos e a opressão, a fim de podermos alcançar a plenitude do nosso baptismo, da nossa chamada e do ministério de Jesus Cristo por todos os cristãos. Nos nossos tempos,

Mulheres Chamadas ao Ministério

talvez não seja possível erradicar as interpretações sexistas, colonialistas³⁶ e racistas, entre outras, da missão de Jesus, mas podemos superar este comportamento humano destrutivo e reivindicar o lugar que nos corresponde como filhos e filhas de Deus. A mulher cananea conseguiu tudo o que mais desejava ao atrever-se a perguntar e a transcender as estruturas convencionais da sua época. Já se deparou com algo de semelhante na sua vida?

UM POUCO DE HISTÓRIA

(Consultar o Primeiro Apêndice: “Panorama Cronológico”)

Ao longo dos tempos, as mulheres têm optado por viver a Palavra de Deus através do culto, do estudo da Bíblia, da justiça social e de actos de misericórdia. Têm escolhido viver a história de Jesus, esperando muitas vezes que a igreja consiga compreender a visão de Deus.

Em 1956, a Igreja Metodista, através do seu corpo executivo, a Conferência Geral, foi confrontada com um número esmagador de petições a favor do reconhecimento da concessão de plenos direitos eclesiásticos ou como membros do clero às mulheres no seio da igreja. Após longas deliberações e uma sessão que durou mais tempo do que o previsto, a Conferência Geral afirmou os plenos direitos eclesiásticos da mulher. (Consultar o Terceiro Apêndice: *A Conferência Geral de 1956*). Metade dos delegados desta conferência eram presbíteros membros do clero (todos homens), enquanto que a outra metade era composta por homens e mulheres leigos. Apesar de não estar presente uma única mulher presbítera, a igreja foi chamada a reivindicar a concessão de plenos direitos eclesiásticos às mulheres como membros do clero ordenadas na igreja.

Através de determinadas pessoas, grupos, organizações e a igreja, ouvimos a chamada para viver em toda a fidelidade os ensinamentos de Cristo.

A SITUAÇÃO ACTUAL

Actualmente, a Igreja Metodista Unida já se pronunciou em relação aos homens e às mulheres através dos nossos Princípios Sociais. Estes princípios constituem um “esforço de oração e de reflexão profunda da parte da Conferência Geral para abordar as questões que se relacionam com os seres humanos no mundo contemporâneo, a partir de uma sólida fundamentação bíblica e teológica...” (*Disciplina 2004*, p. 95 da versão em inglês).

¶161. O artigo 161, alínea F da *Disciplina*³⁷ estipula o seguinte:

Fundamentados na Sagrada Escritura, afirmamos que os homens e as mulheres têm o mesmo valor aos olhos de Deus. Rejeitamos a interpretação errónea de que um género é superior ao outro, que um género tem de lutar contra o outro e que um género só pode receber o amor, o poder e a estima à custa do outro género. Especialmente, rejeitamos a ideia segundo a qual Deus criou os seres humanos como fragmentos incompletos que só se completam através da união de um com o outro. Apelamos tanto aos homens como às mulheres para partilhar o poder e o domínio, para aprender a dar e a receber livremente, para passarem a ser seres completos e para respeitar a integridade uns dos outros. Procuramos para cada mulher e cada homem oportunidades e a liberdade para amar e ser amado(a), aspirar e receber a justiça e praticar eticamente a autodeterminação. Consideramos a diversidade entre os géneros como um dom de Deus que contribui para uma variedade preciosa das experiências e das perspectivas humanas, e evitamos todas as atitudes ou tradições que usariam este dom benéfico para tornar as pessoas de um dos sexos mais vulneráveis do que as pessoas do outro sexo.

Qual é a nossa história? Como mulher, de que maneira tem sido capacitada para servir através da igreja? Se for homem, como é que tem contribuído para uma melhor compreensão, aceitado com agrado a experiência de fé das mulheres e envolvido as mulheres em funções de liderança?

³⁶ O colonialismo é o sistema através do qual um país se apropria de outro, geralmente, para uma exploração económica.

³⁷ Norma da Igreja Metodista Unida, 2009. Publicado em nome da Conferência Central do Centro e do Sul da Europa da Igreja Metodista Unida.

Mulheres Chamadas ao Ministério

É uma mulher que aceitou uma posição de liderança que nunca tinha sido desempenhada por uma mulher?

- Em Fevereiro de 2004, a Dra. Anne B. Kerr foi eleita por unanimidade como 17ª presidente da Universidade Florida Southern, uma instituição pedagógica da Igreja Metodista Unida. Num comunicado de imprensa emitido por esta instituição, a Dra. Kerr declarou o seguinte: “Para mim é uma grande honra ter sido eleita como presidente de uma das universidades mais representativas da Igreja Metodista Unida [...] Esta instituição tem um grande futuro e muito me apraz liderar a sua contínua evolução”.

De que maneira se sente chamada à liderança através de uma posição de autoridade e de responsabilidade no seio da igreja ou na sua vida de todos os dias?

É uma mulher que precisa de que a comunidade de outras mulheres e homens afirmem a sua chamada?

- Linda Mobley, a mais velha de sete filhos, nasceu quando os pais eram ainda adolescentes e viveu com os seus avós durante algum tempo. “A escola também foi difícil. Eu não tinha amigos e era sempre a última para tudo e considerada como inferior, sendo alvo de muitas piadas e partidas durante a minha adolescência [...] Além disso era extremamente tímida [...] Todavia, no outono do meu penúltimo ano de escola secundária, duas adolescentes aproximaram-se de mim e ficámos amigas. Começaram a andar comigo nos corredores da escola e a falar comigo como se eu fosse uma pessoa de carne e osso e com sentimentos. Na verdade, arriscaram a sua posição social numa cultura adolescente ao sentar-se comigo na cantina da escola. Cerca de dois meses depois, convidaram-me a participar numa reunião de jovens metodistas [...] Eu não fazia ideia nenhuma daquilo que era a igreja, mas como conhecia estas duas colegas e, apesar de ter um certo receio, resolvi ir com elas”. “Não hesito em dizer que, se não tivesse sido por estas duas colegas da mesma escola que tinham decidido viver a sua fé de uma maneira autêntica e serem minhas amigas e se não tivesse sido por aqueles adultos que as tinham ensinado a viver a sua fé [...] hoje eu não estaria aqui”. (*“What Is a Youth Minister?”* em *YouthNet, Fall 1994*).

Quando a Linda escreveu estas palavras, era ministra diaconal metodista unida na área de educação cristã.

De que maneira é que a sua congregação tem afirmado os dons das mulheres? Como é que a sua comunidade cristã tem ajudado a realizar a plenitude da sua vida em Cristo?

É um homem que tem capacitado as mulheres para que elas possam viver a sua chamada em toda a fidelidade? Tem ajudado a sua igreja e a sua comunidade a compreender melhor estas novas realidades?

- Em 1956, quando a Conferência Geral da Igreja Metodista (a denominação que nos precedeu) recebeu numerosas petições sobre aquilo de que falámos um pouco antes, tanto os delegados membros do clero como os delegados leigos tinham direito a votar. Todos os delegados membros do clero eram homens. Tiveram a coragem de transformar em realidade a visão de Deus no seio da igreja e o desejo de levar a cabo uma mudança dinâmica no século XX e de incorporar a sua fidelidade à chamada do Evangelho de Jesus Cristo. A Conferência Geral através de votação aprovou a concessão de plenos direitos às mulheres como membros do clero através da ordenação na Igreja Metodista. Era o início de uma nova era.

Se for homem, de que maneira se sente chamado, na sua posição de autoridade, a exprimir a verdade da chamada de Cristo para as mulheres em funções de liderança no seio da sua congregação ou na sua vida de todos os dias?

Qual é a sua própria história? Como é que tem vivido as “águas do seu baptismo” a fim de reivindicar e afirmar a sua chamada ao ministério?

Mulheres Chamadas ao Ministério

Qual é a história da sua congregação? De que maneira é que a sua congregação se tem identificado, por um lado, como fazendo parte da Igreja Metodista Unida – uma igreja que tem afirmado a abertura de John Wesley à mulher pregadora – e, por outro lado, com estas palavras da Disciplina: “Fundamentados na Sagrada Escritura, afirmamos que as mulheres e os homens têm o mesmo valor aos olhos de Deus” (*Disciplina 2004*, §161.F)?

REFLEXÃO SOBRE O ESTUDO

Durante a celebração do 50º aniversário deste evento histórico em que se reconheceram os plenos direitos da mulher no seio da Igreja Metodista Unida (Chicago, Agosto de 2006), o culto de encerramento incluiu a leitura do poema “Mostrem-me o caminho”, pela sua própria autora, Keya Sheri Belt, filha de uma mulher metodista membro do clero. Quando ler este poema, cujo texto se reproduz a seguir, convidamo-la(o) a reflectir sobre a maneira como irá guiar as suas próprias filhas e netas.

Quando ler o poema “Mostrem-me o caminho”, imagine a voz de uma jovem ou de uma menina — a sua filha, neta, uma jovem da sua congregação ou uma menina que tenha sido baptizada recentemente – e ouça a voz dela.

Escreva o nome dessa menina ou dessa jovem cuja voz estará a imaginar ouvir:

Mostrem-me o caminho

Mostrem-me, vos rogo.

Mostrem-me o caminho; mostrem-me como caminhar com orgulho.

Mostrem-me como falar como as mulheres falam,

porque o espírito do Senhor está sobre vós, e Deus vos ungiu.

Têm sobrevivido o pior que o mundo e a igreja vos têm atirado ao longo do caminho.

Por isso, passem-me a sua unção como o fez Elias; ponham o seu manto sobre mim e marquem-me como a Eliseu,

porque sem a vossa sabedoria, estou indefesa e sem o vosso espírito,

falta-me a coragem para responder como mulher chamada por Deus a pregar.

Durante cinquenta anos têm falado e as cadeias foram quebradas.

E agora, as vossas filhas podem pregar e cantar o vosso cântico.

Quero pregar e derrubar as fortalezas,

mas, quem me ensinará e tomará o meu barro para começar a moldar-me novamente?

Onde está a minha guia, a minha luz no meio das trevas?

Aperfeiçoarão as minhas capacidades através do vosso próprio exemplo e da vossa mão suave?

A vossa vida ecoará o Evangelho enquanto mudamos esta terra?

Lembrem-me que o caminho já foi aberto;

e o preço já foi pago?

Equipem-me com as armas de que necessito para continuar a representar o Senhor,

para poder pegar na vossa espada quando a deixarem.

Porque o espírito do Senhor também está sobre mim,

mas sem vós, não sei verdadeiramente em que direcção devo ir.

Mostrem-me, vos suplico. Vós, minhas mães no Senhor; preparem as vossas filhas.

Acolham-nos debaixo das vossas asas, para que finalmente,

Mulheres Chamadas ao Ministério

Todas nos possamos levantar e cantar.
O espírito do Senhor está sobre mim,
Porque Deus me ungiu para pregar as boas novas aos pobres;
e aos destituídos e aos cegos, sou chamada a abrir-lhes a porta.
Que o Espírito nos continue a guiar, é a minha oração.
Oh, mães, irmãs e pioneiras, mostrem-me, vos suplico.

Keya Sheri Belt © 2005 Utilizado com permissão.